

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

MICHELE ALEXANDRA FACHINI

Educação Sexual e Escola: trajetórias e trilhas para além da
orientação transversal – Um estudo interpretativo do Programa
de Orientação Sexual nas séries iniciais de Campinas - SP

CAMPINAS
2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

MICHELE ALEXANDRA FACHINI

Educação Sexual e Escola: trajetórias e trilhas para além da
orientação transversal – Um estudo interpretativo do Programa
de Orientação Sexual nas séries iniciais de Campinas - SP

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência
parcial para o curso de Pedagogia
da Faculdade Educação da
Universidade Estadual de
Campinas sob Orientação do
Prof.Dr. César Aparecido Nunes.

CAMPINAS
2007

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. César Aparecido Nunes

Prof. Dr. Sílvio Ancízar Sanchez Gamboa

AGRADECIMENTOS

A meu filho Maurício e, desejo agradecer também ao meu ilustre orientador César Nunes, que me contaminou com suas obras.

RESUMO

Nossa compreensão da sexualidade humana não se reduz a uma manifestação instintiva, dizer assim é o relacionar a uma dimensão animal. Somente uma abordagem histórica e cultural poderá explicar a construção da sexualidade humana, fundamental a uma concepção científica, humanista, entendendo que a criança e sua sexualidade regada de sentido, uma dimensão humana natural e espontânea. Pois a criança expressa com tranquilidade sua sexualidade e, é observável essa manifestação junto a sua afetividade e criatividade.

A sexualidade da criança demanda uma reflexão ampla, que abrange o conhecimento do mundo e do seu próprio corpo, através da trajetória histórica-cultural, uma vez que as sociedades se transformaram e evoluíram. Dessa forma, para melhor compreensão da educação sexual, ns questões a sexualidade, requer o cunho da ciência, que consolide um trabalho de formação integral da criança. Nesse contexto cabe uma educação sexual transformadora, numa concepção emancipatória, que deverá, portanto, ser científica, crítica, ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre.

A crítica histórica dos papéis sexuais nos autoriza a dizer que só é possível criar uma concepção ampla da sexualidade nas crianças e jovens por aqueles que acreditem na liberdade, na autonomia dos homens e das mulheres em assumirem com plenitude seu papel único de sujeitos.

Para isso, a Escola instituição inserida na PRAXIS social como um todo e, seu papel deve ser a formação de homens e mulheres *omnilaterais*, capazes de apropriação plena da condição humana e inserção emancipadora no mundo do trabalho, da cultura e das vivências sexuais realizadoras.

O estudo da educação sexual nas redes de ensino do Município de Campinas, Estado de São Paulo, permitiu analisar que o tema sobre a sexualidade pode ser discutida no interior da escola, inclusive Campinas foi pioneira em abrir as portas da escola para que este tema pudesse adentrá-la, às políticas públicas foram capazes de formalizar no currículo escolar o tema de Orientação Sexual, Leis foram criadas, o Ministério da Educação do Brasil (1997) incorporou o tema nos Parâmetros Curriculares Nacional no volume 10 temas, cujo título “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual” a serem transversalizados às disciplinas oficiais do currículo

escolar, assim a admissão do tema está até hoje à disposição do corpo docente, da esfera escolar.

É de notória importância o tema nas escolas, é um tema urgente e emergente, mesmo porque ele foi contemplado a mercê de muitas lutas que permeou por tempos históricos e heróicos. Mas o estudo realizado nesta monografia aponta que na atualidade ele submergiu, deteriorou. Na rede municipal a política atual garante seu estado de falência, não permitindo a educação continuada aos profissionais da educação, assim fica inviável o tema da sexualidade com pouco estímulo, pela falta de formação progrida por si só, uma vez que já foi motivo de Encontros, publicações, de tamanha articulação com a vida de alunos, professores e comunidade escolar. Já na rede estadual o acervo literário, áudio-visual é grande dimensão, no entanto não saem das prateleiras, assim não chegam atingem aos três sentidos dos alunos, não chegam às suas mãos, seus olhos, seus ouvidos, impossibilitando o desenvolvimento pleno dos alunos das 3^{as} e 4^{as} séries iniciais (ensino de 8 anos).

Palavras-chave: EDUCAÇÃO – SEXUALIDADE- CRIANÇA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo I - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, MARCOS HISTÓRICOS E DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ABORDAGEM EMANCIPATÓRIA: DOS PRIMÓRDIOS RESISTENTES À POLÍTICA PARA ALÉM DOS PCN'S.	
A) Sexualidade, Condição da Criança e Educação Sexual.....	10
B) A Educação Sexual intencional na tradição cultural brasileira: negação, repressão e vergonha.....	29
C) A Educação Sexual na resistência e produção de identidade: dos tempos heróicos aos PCN'S.....	34
D) A Educação Sexual Emancipatória para além dos PCN'S.....	42
Capítulo II - A IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS, POSSIBILIDADES E LIMITES.	
A) O universo da pesquisa.....	44
B) As fontes primárias – os projetos, os agentes, os livros, a programação.....	45
C) As diretrizes pedagógicas e a didática apontada na experiência: contradições e limites.....	57
Capítulo III – A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS PÓS LDB/ PCN'S: BALANÇO CRÍTICO E POSSIBILIDADES.	
A) Os projetos – balanço crítico e posicionamento.....	58
B) Os agentes – balanço.....	60
C) Aos alunos – reações (pais)	63
D) O material didático.....	64
CONCLUSÕES FINAIS	66
BIBLIOGRAFIA.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
ANEXO.....	75

INTRODUÇÃO

A questão da educação sexual na escola passa por um novo momento: a definição de sua identidade política. Um projeto que tenha como pressuposto a formação de sujeitos, homens e mulheres *omnilaterais*, sob uma concepção emancipadora, exige que se proponha coletivamente a construção dessa dimensão da condição humana fundamental, que nos acompanha desde o nascimento, à uma condição plena, formando a pessoa por inteiro para uma vivência gratificante e responsável de sua capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado.

A criança e suas indagações freqüentes sobre as coisas, sobre a condição humana, sobre ela mesma e, a curiosidade e formação afetiva para compreender suas vivências da sexualidade como decorrentes das relações sociais, principalmente no interior da escola. Neste sentido, fundamentam o estudo interpretativo do programa de Orientação Sexual da Rede Municipal e O Programa da Rede Estadual, ambas do município de Campinas – SP.

Buscar o sentido de nossa existência, de uma ontológica à compreensão da sexualidade humana somente percorrendo uma trajetória numa abordagem histórica e cultural, que nos levará à construção dessa dimensão da condição humana fundamental que nos acompanha desde o nascimento, levantando dados, programas das redes de ensino estadual e municipal de Campinas analisando a evolução da educação sexual dos primórdios aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

As políticas públicas formalizaram e organizaram referenciais institucionais diante da relevância do tema Orientação Sexual. O volume 10 do Parâmetro Curricular Nacional é apresentado como suporte à prática pedagógica, mas não significa que se apoiar apenas nesse referencial garante uma Educação Sexual que permita formar o sujeito para o pleno desenvolvimento de sua sexualidade.

Na rede de ensino municipal, o Programa de Orientação Sexual foi pioneiro, desde 1984, as primeiras abordagens sobre a sexualidade, adentraram na escola e, a partir daí os professores puderam discutir a temática em suas salas de aula sem tabus, nem preconceitos. Que inicialmente começou no ensino fundamental do segundo ciclo (5ª a 8ª séries) e posteriormente abarcou toda a rede.

Já na rede estadual, não foi constatado o desenvolvimento do Programa atual cujo nome “Prevenção Também se Ensina” nas séries iniciais da educação básica, qual era o objetivo da pesquisa. No entanto, todo o material pedagógico e referências bibliográficas estão descritos aqui.

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

Capítulo I - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, MARCOS HISTÓRICOS E DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ABORDAGEM EMANCIPATÓRIA: DOS PRIMÓRDIOS RESISTENTES À POLÍTICA PARA ALÉM DOS PCN'S.

Buscaremos apresentar, no presente capítulo, os marcos referenciais, históricos e conceituais, de nosso entendimento da sexualidade, da educação sexual e da condição da criança, categorias e coordenadas relacionais de nossa pesquisa e investigação. A diversidade de abordagens e os diferentes conceitos e suas intensidades podem confundir as diferentes conclusões sobre tais temas e campos de ação e pesquisa.

A) Sexualidade, Condição da Criança e Educação Sexual.

A partir das definições de homem, desde a Antiguidade, séculos e séculos antes de Cristo, os homens indagavam sobre si mesmo, Sócrates (a.C.469-399) deu uma reviravolta no pensamento filosófico grego, antes a filosofia procurava explicar o mundo balizado nas observações da natureza e colocou a filosofia a serviço da formação do homem. Sócrates concebia o homem como circunspeto de dois elementos dois princípios *alma* (ou espírito) e *corpo*.

A definição mais clássica de homem é a expressão de Aristóteles (384-322 a.C.), *O Homem é animal racional*, naquela época para obter definições mais precisas eles recorriam a uma espécie de fórmula, definição= gênero próximo + diferença específica, assim encaixavam suas idéias, Aristóteles usou o gênero próximo, o homem e a diferenciação a racionalidade. Platão (427-347 a.C.) definiu o Homem como um *bípede implume*, o gênero bípede, duas pernas e implume por não ter penas. João Pessoa (1888-1935), um grande poeta português, formulou uma definição tecnicamente mais precisa: *o Homem é um cadáver adiado!*

Do sentido de nossa existência à compreensão da sexualidade humana somente percorrendo uma trajetória numa abordagem histórica e cultural, nos levará a construção dessa dimensão da condição humana fundamental que nos acompanha desde o nascimento.

Os pesquisadores do tema sexualidade sofreram pressões política, sociais e culturais. A pesquisa científica no campo da sexualidade teve seu início na Europa, nos países anglo-saxões e germânicos, destacam-se os trabalhos de Krafft-Ebing (1886), de Havelock Ellis (1896-1928), de Magnus Hirschfeld (1930) que fundou o Instituto de Sexologia de Berlin, além de Sigmund Freud (1950).

A repercussão desses estudos avançou internacionalmente, inclusive nos Estados Unidos, cujas observações refletiam pela ótica dos clínicos que observavam seus pacientes e, mais tarde se basearam na população no geral.

O início promissor foi interrompido pelo nazismo, que pôs um fim no desenvolvimento das pesquisas, a ideologia nazista e os problemas sociais e econômicos contribuíram para ruptura do desenvolvimento da pesquisa sexual e científica. Caracteriza nesse momento o puritanismo protestante, mesmo os Estados Unidos sendo uns dos mais puritanos, foi nesse país que nos últimos tempos vem aparecendo trabalhos que criticam o conservadorismo, como o trabalho de Kinsey (1948) que analisava diferentes aspectos do comportamento sexual e os fatores que poderiam explicá-los. As normas socioculturais dificultaram e muito os trabalhos dos pesquisadores que os autores Master e Johnson (1968), pesquisadores das reações humanas, com muita ousadia e coragem, apesar dos entraves puderam contribuir para o conhecimento do “porque” de tal ou tal cristalização do desejo, suas vias de realização do cotidiano do sujeito, além de questionar algumas idéias clássicas sobre a sexualidade feminina.

Os trabalhos sobre sexualidade humana sob perspectivas de diferentes disciplinas, permeando a Biologia, a Medicina. A antropologia, A Sociologia, A Psicanálise e a Psicologia, podem contribuir para essa construção da sexualidade humana até chegarmos na sexualidade da criança.

Um pesquisador referencial é Michel Foucault (1926-1984) diante da perspectiva filosófica-histórica aborda que a sexualidade humana demanda uma definição mestiça de subjetividade existencial e a realidade da dimensão política, pois são as atitudes políticas que marcam a ruptura do pensamento dominante da sexualidade. Em cada época as relações sociais e, as sociedades se construíram diante da história, da cultura, assim os modelos de sociedade precisam ser apontados para assoalhar os mitos e tabus que envolvem o tema.

O autor Nunes diz,

“A análise da evolução histórica e cultural de uma forma dialética permite-nos perceber as diferentes transformações das sociedades humanas do passado e as perspectivas que abrem para o futuro. A categoria fundamental é a do processo. As mesmas categorias permitem relativizar os padrões sociais de normatização da sexualidade bem como compreender sua precariedade e seus interesses, além de evidenciar os mecanismos de controle e constituição da chamada “normalidade” sexual”. (NUNES, 1987, p. 52.)

De acordo com os estudos de NUNES, são cinco etapas de compreensão da sexualidade, relacionando-as ao mundo ocidental e seu andamento histórico.

A inicial será a compreensão mítica: A começar, cabe um olhar com lente ampliada, pois as sociedades foram se construindo e caracterizando a sexualidade nesse contexto, o termo mítico aqui apresentado se remete à civilização nos períodos Paleolítico Inferior (30 mil a 10 mil a.C.) e Superior (10 mil a 4 mil a.C.). Nesse período o homem dispunha do seu tempo à caça, pesca, coleta de frutos e raiz, utilizando machados e pedra lascada.

Tal sociedade para o Historiador Raimundo Campos,

“As comunidades do Paleolítico possuíam certo grau de sedentarização, mas também viviam se deslocando em perseguição aos animais que caçavam. Necessidade da colaboração, principalmente por os grandes empreendimentos de caça, deve ter gerado, no final do período, o aparecimento dos primeiros clãs, famílias extensas onde várias gerações se sobrepõem. Os clãs do Paleolítico eram matriarcais, uma vez que os homens, em sua atividade de caçar, viviam se deslocando mais constantemente, deixando às mulheres toda e qualquer forma de governo familiar”. (CAMPOS, 1981, p. 58, apud Nunes).

E para Nunes,

“O Paleolítico é todo ele dominado pelo matriarcalismo, isto é, pela valorização e pelo culto ao elemento feminino, materno, procriador e organizador da sociedade primitiva”. (NUNES, 1987, p. 58)

Nesse período, na sociedade primitiva, a mulher apresentava os papéis de mãe e organizadora, mas diante da sexualidade cabe destacar o culto à fertilidade, a mulher carregava essa função de procriar que era tida como mítica, por isso, a etapa mítica. Apesar das mulheres deterem o controle do poder familiar e, da organização por vários anos, o período seguinte, o Neolítico, por volta de 9 mil a.C, diante das alterações nas condições climáticas, além da descoberta da pedra polida e o crescente avanço da população, propiciaram mudanças na formas de poder.

Nunes expressa,

...é no período Neolítico que encontramos as primeiras formas de religião e de poder patriarcal, isto é, dominado pelo homem e pela função de pai ou chefe.

...surgem as primeiras grandes culturas de trigo, cevada, arroz, milho, mandioca. A Agricultura é o fator fundamental de subsistência e também de certa forma a propriedade da terra. Os homens logo controlam o poder real, os exércitos e as formas de defesa, luta e guerra, e o poder ideológico, a religião, assumindo as funções religiosas, mágicas e sacerdotais. É nessa passagem que muitas sociedades há a submissão da mulher e sua semi-escravização cultural. As funções da mulher são usurpadas pelos homens e em decorrência surgem às representações simbólicas do poder masculino, os deuses são machos, as leis, funções e organização militar e religiosa são privilégios exclusivos do homem. (NUNES, 1987, p. 60).

A segunda etapa é marcada pelo modelo patriarcal, na linha do tempo, referindo-se à sociedade grega, por volta dos 5000 a.C., mencionando os papéis de gênero, o homem detém a posição poder sobre a mulher, os interesses sociais e econômicos eram relevantes, o casamento era um contrato social e econômico, circunscrevendo Nunes,

“Homem senhor e primeiro patriarca, exigente de fidelidade exclusiva e juiz implacável. A mulher é inferiorizada, impura, não participa do sacerdócio, exclusivamente masculino, nem freqüente o centro e templo.

“A mulher pertencia ao marido e estava proibida de outras relações sexuais, mas o marido era livre e senhor de sua conduta, não havia sanções sociais que o impedissem de ter outras relações hetero e homossexuais fora de sua casa”. (NUNES, 1987, p. 68)

Pode-se considerar que há raízes desse modelo em nossa sociedade e a relação entre sexo e sexualidade é reforçada pelo machismo, que distancia a igualdade dos sexos, reforça os estereótipos sexuais.

A terceira da chamada civilização cristã, época cristã, onde o cristianismo levou a Escritura, A Bíblia, como conjunto de livros sagrados do antigo e do novo testamento, para transformar radicalmente concepções e sistemas de relações e significados. Estes livros eram seguidos por quase todas as religiões, cabe salientar a visão de Santo Agostinho para a sexualidade, ela é uma qualidade má, fruto do pecado do homem, o casamento tem o fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora desse propósito, essa negação da sexualidade até mesmo no matrimônio.

Segundo Nunes

“... na idade Média, podemos dizer que não havia ainda um total controle da sexualidade. Entre as classes populares proliferaram as relações primárias, comunitárias. As casas não tinham quartos separados entre homens e mulheres. A linguagem da sexualidade era rica e picante, músicas, piadas, formas de expressão. Todo esforço da igreja não fora capaz de enquadrar o materialismo das camadas populares”. (NUNES, 1987, p. 87)

Essa etapa é marcada pelo Cristianismo a qual se enquadra a moral sexual, que foi a base da doutrina moral cristã pregada por Santo Agostinho, negava a sexualidade.

A quarta etapa está ligada às transformações do mundo medieval, no campo da sexualidade há grandes mudanças com o mundo medieval, a reforma de Lutero à Igreja, a moral moderna sexual, a citar Nunes,

“ a pedagogia e a moral luterana começa mapear o corpo, reduzindo a sexualidade a um isolamento e a uma negatividade assustadores. A nudez, que naquela época era vista com naturalidade, começa a ser coberta de pano e conceitos. A linguagem sobre o sexo passa a ser controlada, e nos livros tudo o que trata do sexo é expurgado. O sexo é o grande inimigo do trabalho, agora a nova forma de compreender o homem”. (NUNES, 1987, p. 92)

A confissão tridentina era outra forma de contenção, visava o poder sobre a consciência principalmente nos que se referia a questões sexuais, o sexo era privado e tinha a função da procriação, a sexualidade reprimida. Pode-se destacar para esta etapa a redução do sexo, ele, passa a ter a função de procriação, a masturbação tratada com “doença”, maneira de repressão, manifesta nesse momento o sentimento de vergonha e pecado.

A quinta etapa caracteriza-se por algumas mudanças, a perda da hegemonia européia sob o mundo, surge a sociedade do consumo, o mundo capitalista passa absorver as mudanças, que conduziu o movimento repressivo da sexualidade durante séculos, começa a se modificar pela ação dos médicos, transformações sociais, a expressividade da sexualidade histórico-cultural, avanços científicos e tecnológicos... O capitalismo norte-americano, pós Primeira Guerra Mundial, passa a estampilhar a hegemonia sobre o mundo, no entanto, alavancou a conquista por seus espaços, seus papéis, tanto homem como a mulher. Atualmente o consumismo prolifera no ambiente que vivemos e os meios de comunicação rádio, TV, internet, jornal, revista, tiram proveito, principalmente as mídias de massa que

influenciam diretamente a sociedade utilizando espaço também para moldar e explorar a sexualidade.

Para Nunes que faz crítica à sexualidade consumista, *"a sexualidade numa dimensão emancipatória supõe também normas e limites como marcos de sujeitos plenos, e não sanções, preconceitos, segregações, um desfiar de acusações, pecados e medos....A normatização equilibrada e tolerante, o cuidado de si, a temperança nos assuntos do desejo recusam a anomia e a heteronomia parciais e propõe a busca coerente da autonomia e equilibrado conceito de compreender as contradições e superá-las dinâmica, arbitrária e dramaticamente no cotidiano, nas condições reais de nosso viver. Ao mesmo tempo é fundamental importância destacar a crítica à sexualidade consumista, está sim também desumanizadora, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, ao mesmo tempo frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido".*

Adiciono ainda:

"...Quando um homem encontra-se outra vez diante de seus semelhantes de maneira transparente e confiante, sem as máscaras de uma cotidianidade massacrante, sem os receios de uma violência simbólica inibidora, poderemos retomar as vivências abertas de uma antropologia do prazer. A ética da contemplação, do desejo comedido e profundo, dos encontros indescritíveis entre essências e subjetividades plenas será marcada por novas liturgias e novos rituais de amor, confiança, dignidade e admirável enamoramento."

"A sexualidade é uma dimensão humana fundamental, que não pode jamais ser negada ou anulassem deixar seqüelas éticas e privações existenciais, nenhuma sublimação de poder compensar o fracasso sexual, nem estético, nem econômico, pois a sexualidade é a dimensão híbrida do desejo e da sociedade, dos afetos, e paixões, das realizações e incompletudes emancipatórias, talvez uma das mais claras das utopias existenciais e políticas." (NUNES,1987, p. 125-126).

Como chegamos a sociedade brasileira atual, seguem agora, as expressões sobre sexualidade nas concepções de diversos autores, a começar pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, em seu volume 10, com tema Transversal Orientação Sexual, coloca a sexualidade como algo inerente e que se manifesta de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano do nascimento à morte. Além disso a sexualidade que se constrói ao longo da vida, marcada pela história, cultura e pela ciência, envolvida de afetos e sentimentos, demonstram a singularidade do sujeito.

E considera ainda, a sexualidade nas dimensões biológica, psíquicas e socioculturais, a começar pelos primeiros contatos que o bebê tem com a mãe, a sexualidade esta presente em cada momento da infância, de diferentes formas, com a interação do indivíduo com o meio e a cultura.

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS)1975 define como:

A Sexualidade Humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamento, sentimentos, ações e integrações, e portanto à saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a sexualidade, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental e a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais, emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor.

A sexualidade no campo da psicanálise tem um sentido expandido
LAPLANCHE diz,

“sexualidade”, “(...) é toda uma série de excitação e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual.” LAPLANCHE (1988, p. 619)(Apud. Marluce)

Freud(1967^a) criticava a concepção popular que atribuiu à sexualidade um alvo e um objeto específico e a localiza no funcionamento do aparelho genital, pois baseou-se na descoberta da sexualidade infantil e no estudo de suas moralidades de expressão mostra que o objeto só é escolhido sob forma definitiva e, função da história do indivíduo.

A sexualidade da criança na educação, segundo o PCN,

“... Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo dos outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo assexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões mais diretamente ligadas e pelos padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação das relações de gênero. Essas representações absorvidas são referenciais fundamentais para a constituição da identidade da criança.” (BRASIL,1987,p.118)

Para adentrar um pouco mais, Castro e Silva, nesse contexto de escola quanto local de vivência da sexualidade:

“O aluno está na escola e nela vai passar grande parte de duas etapas significativas da sua vida: a infância e a adolescência, períodos em que a sexualidade se manifesta nas curiosidades, nas dúvidas e nos relacionamentos vividos dentro e fora do ambiente escolar, sendo parte do dia a dia do aluno. Esta mesma sexualidade é, porém, muitas vezes, negada ou reconhecida de uma forma inadequada pelo professor.(...)É preciso, entretanto, ver o aluno como ser humano, que significa, necessariamente, vê-lo como indivíduo sexualizado, pois não há possibilidade de haver humanidade sem sexualidade. Esta é inerente ao ser humano e, se desejamos oferecer uma resposta a altura da formação integral do aluno, temos que reconhecer e atender às questões de sua sexualidade, porque este, antes de mais nada, é um direito que lhe cabe.(...) Viver a sexualidade na escola significa também para o aluno o prazer de estar como o outro, nas conversas, nas trocas, nas atividades lúdicas, nas discussões, nas sedução, paqueras, ou seja, nas aproximações “possíveis”.”(CASTRO,1995, p. 12).

Importante destacar os conceitos diferenciando o sexo da sexualidade, sob a comparação de Nunes,

CONCEITOS DE SEXO E SEXUALIDADE

“ Sexualidade essencial dimensão humana baseando-se nas características exclusivamente humanas de afetividade e erotismo;*

**Não está secundária à condição humana vinculada as demais habilidades e potencialidades, ela é uma marca única do homem presente na condição cultural e histórica do homem, este tudo que faz ou realiza envolve sua dimensão de ser sexuado.*

** Sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, carrega dentro de si intencionalidade e escolha que a tornam dimensão humana, dialógica e cultural.*

** Primeira de nossas identidades é quando os pais disseram é menino, ou menina!*

**Ainda que constituído a partir da marca genital;*

**Sexo é marca biológica, caracterização genital e natural.*

**Sexualidade, conceito cultural constituído pela qualidade de significação do sexo;”.*
(NUNES, 2000, p. 74)

Quero realçar a sexualidade a um caminho histórico e cultural da evolução sexual sob forma de canções da música popular brasileira com comentários do jornalista Rodrigo Faour, autor da obra História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira.

“A nossa civilização ocidental digeriu ao longo de mais ou menos 2.500 anos (de 3100 a 600 a.C.) essa lógica patriarcal, que nasce no Ocidente com a democracia de Atenas, no século V a.C., e só começa a mudar por ocasião da Revolução Francesa que defendia a democracia aplicada a todos. Assim essa lógica virou sinônimo de normalidade, e foi, aceita como tal, dado o apoio decisivo de duas forças: a religião (com o Cristianismo à frente) e a ciência. Todo imaginário ocidental demarcou por séculos a fio o papel da mulher como pessoa fraca, frágil, lenta de entendimento, emocionalmente instável, fútil, hipócrita e totalmente indigna de confiança. ... já o homem masculino, cujas características são: força, coragem, ousadia, desafio...”(FAOUR, 2006, p. 94)

No Brasil esse perfil feminino estereotipado não era diferente do resto do mundo ocidental... Empregadas do homem, algo que se perpetua em muitos lugares do país até hoje.

Trechos de música poderão nos remeter à reflexão desses esteriótipos...

*“Lavar roupa todo dia, que agonia
Na quebrada da soleira que chovia
Até sonhar na madrugada
Uma moça sem manca
Uma mulher não deve vacilar”
(Juventude tranviada, Luiz Melodia, 1976)(p.95)*

Em 1954 um samba falava do desespero de uma mulher que se suicida apenas por ter tido desgosto de ser “mãe solteira”

*“Hoje não tem ensaio na escola de samba
(...) Maria da Penha, a porta-bandeira
Tirou fogo às vestes por causa do seu namorado
O desespero foi por causa de um véu
Dizem que certas Marias não têm entrada no céu
Parecia uma tocha humana
Rolando pela ribanceira
A pobre infeliz tinha vergonha de ser mãe solteira”
(Mãe solteira, Wilson Batista e Jorge de Castro, 1954)(p.93-94)*

As músicas até os anos 50 também falava da mulher que apanhava, o primeiro samba-enredo da Portela, 1932. *Lá vem ela chorando* (Alvarenga e Benedito Lacerda)

*“Lá vem ela chorando
O que é que ela quer?
Pancada não é, já dei!
Mulher da orgia
Quando começa a chorar
Quer dinheiro
Dinheiro não há”(p.105)*

A mulher carioca foi a pioneira no Brasil a romper com os padrões mais moralistas de comportamento. Foi a primeira a fazer curso superior, a trabalhar fora, a ter salário e carro, a fumar em público, a se separar do marido, entre outras coisas... por um biquíni.. Tom & Vinicius lançaram a *Garota de Ipanema* em 1963. Esta canção passou a ser o paradigma da mulher carioca, período da bossa nova.

*“Moça do corpo dourado do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É coisa mais linda que eu vi passar/
...A beleza que não é só minha, que também passa sozinha.”(p. 124)*

“A expectativa da Lei do divórcio em meados de 1970 gerou músicas hilárias e machistas como *Viva o divórcio* da dupla Carlos Imperial e Eduardo Araújo.”

*Quando o divórcio chegar aí então eu vou me casar
Mulher não tira pedaço de ninguém
Vou mandar fazer um harém
(...) Quem quiser comigo casar, pode já se candidatar
Pega sua ficha, faça inscrição, não tem mais lugar no listão
Quem tem uma de 40 trocar por duas de 20..
Quando o divórcio vier
Todo mês eu vou trocar de mulher.(p. 134)*

Segundo Faour, Vanusa começou de mansinho, em 1973 gravou *Manhãs de setembro* que trazia em seus versos a sede por libertação., mesmo por meio de metáforas:

“Eu quero sair, eu quero falar, eu quero ensinar o vizinho a cantar.”(p.142)

Chico Buarque faz canções para como *Olhos nos olhos*(1) e *Mulheres de Atenas*(2) no mesmo anos em 1976.

*“Olhos nos olhos
Quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçando
Me pego cantando, sem mais nem porquê...”(1)*

“Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas” (2)

*Quando evidentemente a idéia era dizer:
“não se mirem nas mulheres Atenas.”(p. 149)*

Hinos à mulher brasileiras de Milton Nascimento e Fernando Brant, em 1976:*Maria, Maria*

*“Maria, Maria é um dom
Uma certa magia, uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta”(p. 151)*

“A nova geração da MPB, a do Pop Rock dos anos 80 com Blitz, barão vermelho, Kid Abelha, Ultraje a Rigor e outros. O caminho estava aberto para músicas mais leves, direcionada à juventude e à sua descoberta da sexualidade, já sem tanta censura_ ainda que está só fosse extinta definitivamente em 85.”(FAOUR, 2006 , p. 167)

*“Minha mãe me falou que eu preciso casar
Pois eu já fique mocinha
Conheci um alguém que me disse
-Meu bem, você quer entrar na minha?
Acontece, porém, que eu não sei me entregar
A um amor somente
Quando ando nas ruas fico só namorando
E olhando pra toda gente”
(Beat Acelerado, Yann e Vicente França, 1984)(p.169)*

O tempo não pára e traz novas tendências de comportamento. Em meio à liberalização de costumes, havia tanto uma melhora e um padrão mais arejado de pensamento em relação à mulher por parte não só dos homens como delas próprias, quando uma recaída por parte até da própria classe feminina, que vez por outra adotava uma postura vulgar, com valores bastante fúteis transformando-se numa mera peça de engrenagem da indústria do consumo. Isso se deu principalmente a partir dos anos 80 para os 90, quando houve uma supervalorização da estética (bastante estimulada pela mídia) em detrimento dos neurônios, desencadeando uma geração de “louras burras”. ...esse tipo de mulher foi criticado pelo Gabriel O Pensador no polêmico rap Lôraburra e a febre do grupo musical comercial É o Tcham, as mulheres dançarinas reboavam em coreografias pouco ortodoxas, como a da boquinha da garrafa, em que agachavam até o chão.

*“...Produzidas com roupinhas da estação/Que viram no anúncio da televisão
Milhões de pessoas transitam pelas ruas/Mas conhecemos facilmente esse tipo de perua
Bundinha empinada pra mostrar que é bonita!
E a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta
Lôraburra! Lôraburra! Lôraburra!...”(p. 173)*

Depois de acusado de tratar a mulher como objeto, o funk naturalmente trouxe à tona suas funkeiras. Como o Furacão 2000, dando a noção de novos tempos trouxe:

“Beijo na boca é coisa do passado / Agora a moda é namorá pelado”. Tendência musical presente ainda hoje.”(p. 350)

Faour, por fim relata a homossexualidade na música popular brasileira, pouca abordada na forma de canção. “Renato Russo pela primeira vez fazia alguma menção a homossexualidade numa das letras do Legião Urbana “Gosto de meninos e meninas” dizia a canção, de 1989.

Nesse contexto da temática da sexualidade procurei envolver a música ao comportamento humano, nas questões de gênero e papéis que evoluíram na nossa sociedade. Em destaque, o papel feminino, fomentando uma reflexão, uma análise, uma crítica, pois o reflexo disso se remete à proposta em abordar o sexismo, por uma educação emancipatória cuja finalidade de procurar identificar os estereótipos sexuais, suas representações e seus fundamentos e questioná-los.

Um levantamento da condição da criança poderá fundamentar a reflexão à sexualidade e à educação.

A condição da criança na Idade Média restringia a criança a um abandono e separação do mundo “adulto”, já nas sociedades industriais e a mediação institucional burguesa caracteriza uma concepção moderna da criança e da significação da infância. Com as indústrias, nasce às creches para assistencializar o filho das mães operárias. No entanto, essa sociedade capitalista educa o pobre preconceituosamente para a pobreza, intencionalmente.

Philippe Áries, expressa sua concepção, sobre infância que está sempre ligada aos modelos de sociedade, em diferentes períodos históricos e em controversas formas de organizar a vida econômica e social, prevaleceram distintas sobre o mundo Infantil.

Para o autor, estão presentes nessa época dois sentimentos de Infância: o 1º Marcado pela PAPA RICAÇÃO: que se limitava à idade do curto período da infância e o 2º Fraqueza da Infância que levou os adultos a preservarem o primeiro.

A Idade Média: Circunscrevia a criança a um abandono e separação do mundo adulto. Não importância Econômica ou Simbólica. Já nas Sociedades Industriais: Mediação de novas forças produtivas e mediações institucionais burguesas caracterizam a concepção Moderna da criança e da significação de Infância.

Nas sociedades industriais retratação da influência da família vindo a ESCOLA assumir o papel de instituição Enquadradora e Endoculturativa.(1)

Busquei identificar endoculturativa;

“Portanto, educação completa é aquela que reúne sua vertente instrutiva e sua vertente não apenas enculturativa, endoculturativa ou aculturativa, mas sobretudo civilizadora.”(1)

(1)<http://novaretorica.sites.uol.com.br/> Prof. Antônio Henrique Cunha

Nos Séculos XVI e XVII que recuperação simbólica da infância como tema e da criança como centro das atenções familiares.

Nossa Tradição Cultural, segundo autor sobre infância construída sobre enfoque de inspiração Medieval que foi reproduzida pelos Jesuítas, Exaltação da Ordem, do poder e da família patriarcal... Violência institucional contra a figura da mulher e da criança e, mais os idosos considerados inválidos.

Tais concepções autoritárias retratadas pela ordem e austeridade se corrigiriam ou modelaria a criança adequada. Dessa ligação conceitual perdura em nossas instituições vinculando os pressupostos causais entre repressão e educação das crianças.

Sob esta perspectiva que podemos acrescentar com Nunes,

A criança vista uma incógnita na sociedade, cultura, tradição familiar e institucional escolar, processo de produção; é desvalorizada, uma criança só alcançará o Estatuto de SER quando definir sua identidade profissional.

Infância: é a parte da vida que se dá a primeira descobertas de mundo e das relações que, a partir do ambiente e do sujeito possam acontecer...

Tem sido considerada a época da aquisição subjetiva e sociocultural da identidade humana, na relação com o mundo, da descoberta de si e na apropriação da significativa cultura.”

... as relações estabelecidas com o mundo no período da infância dependerão em grande parte, as muitas outras que acontecerão em etapas posteriores da vida de cada um de nós.”

“... não basta ter afeição na criança é preciso respeitar sua Infância. (NUNES, 2000, p.10-11).

Desta forma, pensando nos direitos da criança e, sua infância foi criado O Estatuto da Criança e do Adolescente:

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Livro I

TÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

TÍTULO II - DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

TÍTULO III - DA PREVENÇÃO

Livro II

TÍTULO I - DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO

TÍTULO II - DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO

TÍTULO III - DA PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL

TÍTULO IV - DAS MEDIDAS PERTINENTES AOS PAIS OU RESPONÁVEIS

TÍTULO V - DO CONSELHO TUTELAR

TÍTULO VI - DO ACESSO À JUSTIÇA

TÍTULO VII - DOS CRIMES E DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Saliento apenas o primeiro título:

Livro I

TÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art 1º - Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo Único - Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo Único - A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;*
- b) precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;*
- e) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;*
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.*

Art 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art 6º - Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais e a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento."

Parafraseando o autor César Nunes,

“Criança é um ser em criação, ela é a própria significação de criar, combinar e recombina possibilidades de humanização; Sua grande dificuldade é encontrar espaço no mundo (adulto) em que vive.

...não devemos privá-las da experiência plena de viver suas próprias conquistas.

...a criança representa a inovação do ser e se estiver em conformidade com a infância, poderá representar a própria renovação da humanidade.

...aprender a criança e respeitá-la é uma das mais autênticas demonstrações de civilidade”.

”(NUNES,2000,p.12)

Destacamos aqui os significados de infância e algumas definições do SER criança, mas não adentraremos nas especificidades da infância. Segue antes de tais definições, um poema, que circunda na vivência de infância feliz. A Infância na forma de poema por André FACHINI, com o título INFÂNCIA:

SORRISOS INOCENTES IMPULSIONAM GANGORRAS E BALANÇOS
GARGALHADAS ESCORREGAM NAS CAIXAS DE AREIA
ROSAS E AZUIS EMBALAM O GIRA-GIRA
AMARELINHAS, CASINHAS,
PETECAS, BONECAS!
BOLAS, IOIÔS, CARRINHOS E CARRETÉIS
PAPAGAIOS DE PAPEL DE SEDA VOAM RUMO ÀS ESTRELAS
PIQUENIQUES, CATAVENTOS
BOLHAS DE SABÃO DÃO ASAS À IMAGINAÇÃO
AQUARELA
ARCO-IRIS DE ALEGRIA
BRINCADEIRAS – DESCOBRIMENTO
AMIZADES - RELACIONAMENTO
SONHOS-DESENVOLVIMENTO
ANIVERSÁRIOS
BOLOS, BALAS, BEXIGAS E SURPRESAS
O TEMPO PASSA E FICA A SAUDADE,
NO CAMPO OU NA CIDADE,
INFÂNCIA É PURA FELICIDADE!

Nunes, descreve a criança no Brasil, por sua história marcada pelo silêncio e pela violência real ou simbólica. Quando os jesuítas que foram os primeiros a criar espaço institucional bem definido e rigidamente delimitado, como as crianças brasileiras eram predominantemente índios e aqui viviam como num paraíso desfrutando de liberdade jamais desfrutada por estes, vieram a catequizá-los ou ensiná-los o bem através de castigos físicos e proibições morais, promovendo um trabalho e valorização da criança com objetivo de desapertá-la para a fé, e coisas

do bem como a tradição católica. Eles trouxeram da Europa idéias de infância santa baseados na iconografia do menino Jesus, vestiram os indiozinhos, viam o corpo deles enfeitados e despídos como esterco, coisa inútil que aprisionava e oprimia a alma, pregavam essa idéia aos índios, além disso, incentivavam a alta flagelação.

No entanto, antes da colonização os indiozinhos tinham o tempo todo para lazer e a exploração da natureza, depois isso passa a ser feito em horas determinadas, primeiro o trabalho, rezas e cantos depois o lazer, eles ficavam em “Casas de Meninos”. O modo que ensinavam era de maneira repressiva, fazendo com que as crianças negarem sua cultura, eram impostos sacrifícios físicos, castigos e não queriam participar das atividades escolares e fugiam, pois em sua cultura não havia costume de bater ou falar alto com as crianças; tal resistência era vista como tentação demoníaca.

Abordo, então, a Educação, a Educação sexual, citando a história da escola, sendo essa uma reprodução da sociedade, o assunto sobre sexualidade não tinha espaço para ser discutido e abordado principalmente por ser polêmico em questão de religião e identidade.

Na antiguidade, o tema era da área de Filosofia e formalizado sob uma teoria moral já na maior referenciada época medieval era de Santo Agostinho que tratava da sexualidade como um mal ameaçador para o corpo e para a alma. Adentrando à Modernidade, de acordo com a sociedade capitalista, a sexualidade se vincula no campo médico higienista controlando a prole, as doenças sexuais com eficácia. A partir dessa época, o tema foi ganhando espaço nos meios de comunicação, discussão sociais, música e filmes.

“Ser menino” ou “menina” é transmitido às crianças desde o nascimento pela educação informal, que estabelece as características da categoria a qual deverão pertencer de tal forma que cria a estereotipia dos gêneros e seus papéis. O menino com seus brinquedos criativos, competitivos, porém tiram-lhes a possibilidade de expressar emoções. No esteriótipo tradicional feminino, a menina desenvolve o papel de dona de casa, filha, esposa, mãe submissa, se vez nem voz. O modelo antagônico de mulher obediente, passiva, deveria agradar sempre além de dizer sim, sorrir, calar-se.

Essa sociedade capitalista, com a revolução industrial, desenvolve particularmente o conceito do “trabalho” e o conceito de “omnilateralidade”, fundamentando numa concepção marxista da educação.

“... e com isso, nas indústrias a abertura do trabalho feminino, gera a ruptura do sistema patriarcal, pois a vida feminina que estava restrita ao “ao bom desempenho do governo doméstico e boa assistência moral à família, fortalecendo laços” (SAMARA,1983, p. 59).

A mulher vai alcançando sua emancipação na sociedade junto com a contribuição da medicina torna-se possível o controle normativo e tecnológico da sexualidade feminina e do processo reprodutivo os métodos contraceptivos e o tratamento das enfermidades, nesse momento o papel da mulher na sociedade vai se alterando.

O BIOPODER um modelo de controle social descrito por Foucault, não ataca principalmente pelo controle repressivo da sexualidade e pela reafirmação da alavanca e do casamento, mas pela iniciação aos prazeres e pela valorização do desejo e das sensações, através de uma “explosão discursiva sobre o sexo”.

A Educação Sexual no Brasil tem suas primeiras abordagens em 1960 com uma trajetória histórica que por quatro modelos, o quinto modelo é a proposta de Educação Sexual para essa era da Modernidade onde tudo tem uma velocidade, um bombardeio de informações, a comunicação, possibilitam uma nova lógica de organização e administração que levam a mudanças e, a Educação Sexual Emancipatória”, neste modelo encontra-se em uma condição básica para o desenvolvimento humano pleno.

Pais e educadores na década de 60 propunham uma educação sexual normativa através de aconselhamentos religiosos centro no medo e na inibição, identifica-se nesse período o primeiro modelo, que tem como proposta, manuais que se referem a formas de aconselhamento religioso, de cunho conservador, os manuais detinham informações para a educação das moças e dos moços, prevalecendo o casamento e a estrutura familiar patriarcal. Nos anos 70, o modelo médico higienista-biologista informa sobre as funções sexuais e dos aparelhos reprodutores, as informações contidas nas aulas elencava as partes do corpo, em específico dos órgãos sexuais, e adentrava para a prevenção de doenças venéreas, com intuito repressor, este se caracterizou como segundo modelo.

O terceiro modelo na década de 80, a visão de um novo papel educativo com as lutas femininas relacionadas a liberdade, as críticas ao casamento tradicional, as denúncias da violência contra a mulher, a homossexualidade, são os elementos que favorecem a abordagem, estimulando a expressão. O movimento feminista gera uma mudança nos valores culturais e até mesmo sociais, a mulher passa a se destacar no campo profissional, ocupando cargos nas áreas científicas e artísticas, e a educação escolar é identificada como modelo terapêutico-descompressivo segundo o autor NUNES,

“terapêutico-descompressivo, sendo possíveis de serem agregadas a estas características conjunturais de militância e apologias de trincheiras sociais libertárias”. (NUNES, 2000, p.15)

Já o quarto modelo à sociedade de massa envolvida pelo consumismo reduziu a revolução sexual de fundamentos filosóficos e políticos colocando a sexualidade como objeto de consumo predominante na mídia, destaca a estética contemporânea da mulher e do homem. Nesse modelo o educador requer uma profunda capacidade de visão crítica, pois, a cultura da massa, a Indústria Cultural, estimula esses modelos.

Sustento a necessidade de uma educação escolar firmando a citação de Ribeiro,

“Entretanto, a sexualidade está presente e permeia as manifestações do viver de todos os seres humanos. Deste modo, como não foi permitido que entrasse pela porta da frente da escola, sorrateiramente, encontrou as brechas para manifestar-se através das frases deixadas nos banheiros, nos depoimentos gravados nas carteiras, nos bilhetes às escondidas trocados pelos adolescentes e namorados”. (RIBEIRO, 2000, p. 85)

Além do mais para se tornar ativa a educação sexual fundamentalmente carece ser contextualizada numa Educação Sexual Emancipatória, o que propõe Nunes e Silva (2000) modelo que contradiz toda a demais Emancipação entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora. Trata-se da qualificação ontológica da sexualidade humana e sua construção ético-social.

Para isso, a Escola instituição inserida na PRAXIS social como um todo e, seu papel deve ser a formação de homens e mulheres omnilaterais, capazes de

apropriação plena da condição humana e inserção emancipadora no mundo do trabalho, da cultura e das vivências sexuais realizadoras.

A Educação Sexual para Werebe,

“A educação sexual compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre o indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade. (WEREBE,1998, p.139).

As citações de Ribeiro complementam as relações sociais e as questões da sexualidade humana.

“Pensando na criança, ela não assimila as regras passivamente vigentes no grupo, mas constrói e reconstrói ativa e progressivamente as regras . Essas regras sociais consideram a tomada de consciência. Em decorrência desse pensamento é que a sexualidade humana acena para a construção do corpo sexuado num clima de respeito mútuo, reciprocidade e confiança e para um compromisso pessoal com esses princípios. Além de ter idéias próprias a respeito da realidade em que vivem e constroem seus modelos representacionais que dizem respeito aos aspectos do mundo natural, psicológico e social, a partir dessa realidade”.(RIBEIRO,1996,p.33)

Com relação à construção do conhecimento da criança, Ribeiro, coloca que,

“a criança vê, ouve e acumula objetos do conhecimento não de maneira estática, mas assimilando, deformando e reelaborando, na relação com o seu corpo, com o seu desenvolvimento e de seu organismo, seus relacionamentos, ou seja, quanto mais ela amplia e enriquece seus conhecimentos, mais cresce seu desejo de conhecer como possibilidade de autoria, enquanto criadora. Ela reconhece-se a si mesma”. (RIBEIRO, 1996, p. 39)

Como o objetivo é discutir a criança e a construção de seu conhecimento sobre si mesma, suas indagações, as relações entre o sujeito e o mundo, no contexto da educação, cabe ressaltar a necessidade de uma educação que possa contribuir e corresponder a tais interesses. Assim a educação sexual sob a obra de Nunes poderá descrever a educação que propomos para estas crianças.

“A educação sexual é formar a pessoa por inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado” (NUNES, 2000, p.126).

A Educação Sexual Emancipatória é uma contraposição sobre todos os demais modelos no que se diz respeito a este tipo de educação escolar. O espaço escolar é ambiente ideal para as relações sociais, e lugar para ter em seu currículo a abordagem do tema principalmente na educação básica, considerando assim a escola como unidade social e possibilidade de transformação. Neste sentido que pedagogia será utilizada para formar um homem capaz de se modificar e modificar a

sociedade? Complemento com uma citação de Saviani, que ao se aprofundar em sua obra é possível olhar para educação como forma de emancipação.

“Mas como pode o homem utilizar os elementos da situação se ele não é capaz de intervir nela, decidir, engajar-se e assumir pessoalmente a responsabilidade de suas escolhas? Sabemos quão são precárias as condições de liberdade do homem brasileiro, marcado por uma tradição de inexperiência democrática, marginalização econômica, política, cultural. Daí, a necessidade de uma educação para a libertação: é preciso saber escolher e ampliar as possibilidades de opção”. (SAVIANI, 2004, p.40)

A Educação Emancipatória volta a ser citada e contextualizada na página 44 desta monografia.

B) A Educação Sexual intencional na tradição cultural brasileira: negação, repressão e vergonha.

A educação sexual tem uma trajetória histórica e cultural e com ela segue seus tabus e preconceitos, assim cabe descrever as visões dos autores para este assunto e por fim destacar o parecer do conjunto de citações que abaixo transcorrerão. Veremos as definições sobre a educação sexual para os seguintes autores.

Segundo Nunes.

“A educação sexual é fenômeno da sociedade”, se educar é produzir o homem, construir sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva, a educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agencia educadora”. (NUNES, 1987, p. 31).

Para WEREBE, outra autora pesquisadora do tema,

“A influência da família é primeira e a fundamental, porque é anterior a qualquer intenção de seleção e, como seus efeitos atuam antes de qualquer possibilidade de reflexão, podem escapar a uma tomada de consciência ulterior a ser considerada como traços imputáveis à própria constituição do indivíduo.”(in WALLON, 1959, p. 279-333) aput. (WEREBE, 1998, p.139)

“Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real do seu próprio ser, sua relação consigo mesma sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e conseqüentes.” (WEREBE, 1998, p.139)

A educação intencional para perspectiva de Werebe,

“Quando o aluno recebe esta educação na escola, já foi marcado pelas influências que recebeu na família e em todas as outras situações cotidianas dentro da sociedade, bem

como opiniões e valores neste domínio. E é a partir dos conhecimentos e idéias que as crianças e jovens possuem que as intervenções deliberadas devem ser orientadas". (WEREBE,1998,p.149)

Na dissertação de mestrado de Figueiredo sobre a "produção teórica no Brasil sobre educação sexual diz,

"seja padronizado o uso do termo educação sexual, por considerá-lo mais adequado, uma vez que, entre outros motivos, deferentemente dos outros termos, implica que o educando seja considerado sujeito ativo no processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e de informações e ou/ orientações". (FIGUEIREDO,1996, p.59)

A educação sexual intencional de forma sistemática, no século XVIII preocupava filósofos, médicos, educadores e também políticos que presenciavam, nos países ocidentais, movimentos a favor e contra ela. Fomentando a repressão sexual. Essas repressões sofreram em diferentes épocas, diferentes formas.

A influência de Rousseau foi necessária para abolir o caráter sexual predominava no meio em que a criança vivia, para preservar a sua suposta "inocência", despiando-a de todo elemento sexual, tirando-lhe o direito de ter uma sexualidade. Além disso, na condição da criança, seu pensamento, sua curiosidade:

Como se fazem as crianças/ Pergunta embaraçante que ocorre assaz naturalmente às crianças e cuja resposta indiscreta ou prudente decide por vezes de seus costumes e da sua saúde para o resto da vida. A maneira mais curta que uma mãe imagina para desobrigar, sem enganar o filho, é impor-lhe o silêncio...é o segredo das pessoas casadas, lhe dará: as crianças não devem ser tão curiosas. Eis o que resolve muito bem o problema da mãe: mas que saiba que despeitado com o ar de desprezo, o menino(a) não terá mais um minuto de descanso enquanto não tiver descoberto o segredo das pessoas casadas e não tardará em descobri-lo. [Rousseau,1992, p. 223] (apud Nunes. 2000, p. 54).

Acrescento este texto, na expectativa de destacar o conceito de infância, segundo Rousseau, que abordou o acatamento à criança.

O respeito à criança

Que pensar então dessa educação bárbara o presente a um futuro incerto, que cumula a criança de cadeias de toda espécie e começa por torná-la miserável a fim de preparar-lhe, ao longe, não sei que pretensa felicidade de que provavelmente não gozará nunca?

Ainda que supusesse essa educação razoável em seu objetivo, como ver sem indignação pobres desgraçados condenados a trabalhos contínuos, como forçados, sem ter certeza de que tantos cuidados lhes serão útil algum dia! A idade da alegria passa em meio aos choros, aos castigos, às ameaças, à escravidão. Atormenta-se o infeliz para seu bem; e não se vê a morte que se chama e que vai alcançá-lo em meio a essas tristes precauções. Quem sabe quando crianças morrem vítimas da extravagante sabedoria de um pai ou de

um mestre? Felizes por escaparem à crueldade destes, a única vantagem que tinham dos males a elas impostos é a de morrerem sem saudade da vida, do qual só conheceram os tormentos.

Homens, sejais humanos, é vosso primeiro dever; e o sejas em relação a todas as situações sociais, a todas as idades, a tudo o que não seja estranho ao homem. Que sabedoria haverá para vós fora a humanidade? Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Que de vós não sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso esta sempre nos lábios e a alma sempre em paz? Por que arrancar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? Por que encher de amarguras e dores esses primeiros anos tão rápidos, que não voltarão nem par vós nem para eles? Pois, sabeis a que momento a morte espera vossos filhos? Não vos preparai de desgostos que a natureza lhes dá; desde o momento em que possam sentir o prazer de serem, fazei com que dele gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus os chame, não morram sem ter gozado da vida.

Quantas vezes se vão erguer contra mim! Ouço de longe clamores dessa falsa sabedoria que nos bota incessantemente foras de nós, menosprezando sempre o presente e que, visando sempre o futuro que de nós se afasta a medida em que avançamos à força e nos transportar para onde não estamos nos transporta para onde nunca estaremos.

É, responder-nos-eis, o momento de corrigir as más inclinações do homem; é na infância, quando as penas são menos sensíveis, que é preciso multiplicá-las, a fim de poupá-las na idade da razão. Mas quem vos diz que todo esse arranjo está à vossa disposição e todas essas belas instruções com que encheis o fraco espírito de uma criança, não lhe serão um dia mais perniciosas do que úteis? Quem vos assegura que lhe poupais alguma coisa com as amarguras que lhe prodigalizais? Por que lhe dais maiores dissabores do que comporta seu estado, sem terdes a certeza de que esses males presentes aliviarão o futuro? E como me provareis que essas más tendências de que a pretendeis curar não lhe vêm de vossos cuidados mal entendidos, muito mais que da natureza? Infeliz providência que faz um ser desgraçado no momento, na esperança de torná-lo feliz um dia!

Se tais raciocinadores vulgares confundem a licença com liberdade, e a criança que fazemos feliz com que estragamos, ensinemo-los a distingui-los.

Para não corre atrás de quimeras, não esqueçamos o que convém a nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu lugar na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e criança na criança. Assinalar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder.”. (ROUSSEAU, 1968, pág. 60-2)

Prossigo com o pensamento da criança e suas indagações sobre as coisas, sobre o ser humano, sobre ela mesma, a partir da música de Adriana Calcanhoto

Oito Anos

*Por que você é flamengo
E meu pai botafogo?
O que significa
"impávido colosso"?*

*Por que os ossos doem
Enquanto a gente dorme?
Por que os dentes caem?
Por onde os filhos saem?*

*Por que os dedos murcham
Quando estou no banho?
Por que as ruas enchem
Quando está chovendo?*

*Quanto é mil trilhões
Vezes infinito?
Quem é Jesus Cristo?
Onde estão meus primos?*

*Well, well, well
Gabriel...
Well, Well, Well, Wellll...*

*Por que o fogo queima?
Por que a lua é branca?
Por que a terra roda?
Por que deitar agora?*

*Por que as cobras matam?
Por que o vidro embaça?
Por que você se pinta?
Por que o tempo passa?*

*Por que que a gente espirra?
Por que as unhas crescem?
Por que o sangue corre?
Por que que a gente morre?*

*Do que é feita a nuvem?
Do que é feita a neve?
Como é que se escreve
Ré...vei...llon*

*Well, Well, Well
Gabriel...(CALCANHOTO, Adriana, 2000)*

O pensamento das crianças sobre o mundo, sobre as coisas são bem descritos nesta letra e a referindo as indagações sobre a sexualidade acrescento em

anexo, página 75, uma representação artística de uma criança de oito anos após apresentar o trecho da música:

*“Por que os ossos doem
Enquanto a gente dorme?
Por que os dentes caem?
Por onde os filhos saem?”*

A abordagem da sexualidade da criança deve ter intervenção intencional, para Nunes,

“ Não abordar a sexualidade da criança como uma intervenção intencional, supostamente diferenciada do padrão comum, questionando seus pressupostos e apresentando organicamente possibilidades de sua superação, a partir da crítica fundamentada dos papéis tradicionais por práticas mais igualitárias e plenificantes, significa capitular diante da realidade reprodutivista das instituições sociais, familiares, escolares, políticas e sociais. Os pais e educadores que não compreenderem que sua tarefa é a de questionar o atual modelo de educação sexual repressivo e enquadrador e motivar a criança para uma apropriação gratificante e responsável do seu mundo subjetivo e social, sujeitos de seu desejo de vivências do prazer e do afeto deixam espaços e contribuem, quer pelo imobilismo ou inconsciência, para a ditadura do ambiente, com suas práticas consumistas, preconceituosas e injustas, consolidem as mentalidades e expressões tradicionais da sexualidade de nossas crianças”.(NUNES,2000, pág.128)

A escola deve permitir em seu projeto político pedagógico a educação sexual intencional, bem como tal possibilidade de discussão sobre a temática da sexualidade desde a educação infantil, de acordo com a faixa etária, é possível desenvolver um trabalho integral com as diversas disciplinas que a escola oferece. Enquanto a educação sexual emancipatória, a qual sugerimos não pertencer ao currículo oficial da grade escolar, ao menos que seja transversal e ou se interdisciplinar com as demais matérias, o que desejamos é que seja abordada, principalmente desde as séries de ensino.

C) A Educação Sexual na resistência e construção de sua identidade: dos tempos heróicos aos PCN'S.

Os termos Orientação Sexual e Educação Sexual são utilizados como sinônimos, no entanto, Educação Sexual refere-se à um processo mais longo que se inicia desde o nascimento e inclui o aprendizado de normas, valores, práticas, informações sobre sexualidade segundo padrões culturais da sociedade em que o indivíduo está inserido.

Diversos autores referem sobre Orientação e Educação Sexual como algo possível e necessário no interior da escola. Mas o autor Ribeiro expressa que a família tem um papel importante na construção da sexualidade.

“A família possui um papel de grande importância na construção da sexualidade do indivíduo, uma vez que, normalmente, são os pais que convivem e acompanham o desenvolvimento dos filhos por um longo período, transmitindo-lhe os valores e as normas de sua cultura, as da sociedade, do seu grupo”. (RIBEIRO, 2002, p. 52)

O Parâmetro Curricular Nacional Tema Transversal Orientação Sexual, “não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação”. (BRASIL, 1997, p. 121)

A escolha dos temas transversais, como “Orientação Sexual” proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais seguiram os seguintes critérios: urgência social, abrangência nacional, possibilidade ensino e aprendizagem no ensino fundamental com possibilidade de favorecer a compreensão da realidade e a participação social. Ao tratar de questões sociais, os temas transversais se remetem à necessidade de se recorrer a conjuntos de conhecimentos relativos a diferentes áreas do saber.

Segundo o PCN, a abertura de um espaço no âmbito escolar permite às crianças esclarecer suas dúvidas e formular novas questões aliviando suas ansiedades que muitas vezes interfere em seu aprendizado. O tratamento da sexualidade nas séries iniciais, através da adoção de um trabalho pedagógico proporciona ao aluno encontrar na escola um espaço de informação e de formação respeitando o momento de seu desenvolvimento transversalizando o saber com diferentes disciplinas.

O PCN, v.10, propõe que a partir da 5ª série o trabalho se torne sistemático e seja tratado em um lugar específico.

“Esse espaço pode ocorrer na forma de uma hora-aula semanal para os alunos (dentro ou fora da grade horária existente, a depender das condições da escola)”. (BRASIL,1997, p. 129).

Este tema vincula-se ao exercício da cidadania e no final do ensino fundamental espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar o outro, a respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes relativos à sexualidade, buscando o prazer como uma dimensão saudável, contra as discriminações, respeitando seus desejos e dos outros, além da proteção dos relacionamentos sexuais exploradores e coercivos, além de agir com solidariedade aos portadores de HIV e, também a proteção nas práticas sexuais ao iniciar seu relacionamento sexual usando métodos contraceptivos e desenvolver a consciência crítica e responsável nas tomadas de decisões.

O trabalho de Orientação Sexual requer uma elaboração planejada tendo como ponto de partida as questões retiradas de cada turma, envolvendo a comunidade num processo educativo, onde o papel de educador é oferecer um espaço para discussão e esclarecimento.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional, vol. 10:

Os trabalhos já existentes de Orientação Sexual ns séries iniciais do primeiro grau (primeira a quarta séries) indicam que as questões trazidas pelos alunos são predominantemente ligadas à compreensão da sexualidade. A curiosidade gira em torno da tentativa de compreender o que é o relacionamento sexual, como ele ocorre, as concepções, gravidez e parto. Todas essas curiosidades são importantes de serem contempladas pelo professor, assim como ação reflexiva quanto aos preconceitos em relação aos comportamentos ligados às meninas e aos meninos. (BRASIL, 1997, p.137)

Na proposta do PCN de Orientação Sexual, o conteúdo foi organizado em três blocos – o primeiro sobre o Corpo: matriz da sexualidade, o segundo, Relação de Gêneros, e o terceiro, Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.

Quanto ao papel do educador, segue a citação,

“O educador deve estar atento para necessidade de repetir o mesmo conteúdo já abordado. As crianças vivem suas curiosidade e interesses na área da sexualidade em momentos diferentes umas das outras, ocorrendo muitas vezes estudo e a discussão de um tema com pouca apropriação desse conhecimento para algumas.”(BRASIL, 1997,p.143)

O Parâmetro Curricular Nacional em relação específica ao conteúdo sobre doenças sexualmente transmissíveis aponta a desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos à AIDS, que é tratada ao oposto que a mídia expõe, tal qual “AIDS mata!”. A mensagem do PCN, sobre Orientação Sexual é “AIDS previne-se!”, deve-se, portanto, discutir o preconceito e a discriminação aos portadores do vírus HIV e aos doentes de AIDS, adotando valores e solidariedade em relação à respeito mútuo e cidadania.

O tema sexualidade a partir do ano 2000 entra na pesquisa Censo2000.

“Número de mães-meninas quase dobra de 1991 para 2000. O número de mães-meninas (10 a 14 anos) que tiveram o primeiro filho quase dobrou de 1991 para 2000. Foram 20.632 crianças e adolescentes estreando na condição de mães. Além das estreantes, 2.502 meninas já tinham filhos naquele ano, quando tiveram outro bebê. No grupo de 10 a 14 anos, aumentou 93,7% o número de mães iniciantes. Entre as jovens de 15 a 19 anos, o aumento foi de 41,5%, na década de 90. Do total de 1,3 milhão de mulheres que tiveram o primeiro filho em 2000, 38,6% tinham entre 10 e 19 anos. A Região Norte do país tem os maiores percentuais de mães muito jovens. As mães adolescentes são em geral pobres, com baixa escolaridade e nem sempre contam com a presença do pai de seus bebês. 'No caso das mães jovens de baixa renda, a maioria interrompe os estudos e não volta mais à escola. No caso das mais ricas, cria-se um aparato para cuidar do filho e os cuidados com a criança são divididos na família', diz o demógrafo do IBGE Juarez de Castro Oliveira.

Pode-se considerar que há uma relevância em se tratar do assunto e principalmente os dados revelam a necessidade de investir na educação neste sentido.

Segundo o pesquisador, foram as mães de primeira viagem que fizeram crescer o número de mulheres que tiveram filhos entre 1991 e 2000. Se fossem contadas as que já tinham filhos e tiveram mais um bebê, o número caiu na década de 90, passando de 2,049 milhões para 1,938 milhões. Já o número de mães iniciantes subiu de 1,068 milhões para 1,289 milhões.”

Cabe introduzir nesta monografia as fontes historiográficas relatadas nesse tópico da tese doutora Edna Aparecida da Silva :

A Educação Sexual como tema de pesquisa em educação é muito rara e recente.

Somente nos anos 1980 e 1990 é que encontramos obras e referências acadêmicas sobre o tema. A Educação Sexual no Brasil não conta com largo e adequado levantamento de sua historiografia. São recentes e raros os estudos sobre

Sexualidade, não havendo ainda uma tradição de pesquisa sobre este tema. Afirma-se que a primeira experiência de uma

abordagem institucional da Educação Sexual no Brasil esteja ligada à questão da Educação da Mulher, configurada na tese de Francisco VASCONCELOS intitulada Educação Sexual da Mulher, publicada em 1915, no Rio de Janeiro. Tratava-se de uma obra de orientação médica, com forte acento moral, que infundia cuidados sobre a saúde da Mulher e a prevenção a doenças venéreas, bem como ao combate da masturbação e enfatizava a recomendação para a preparação da mulher ao desempenho tradicional de seu papel de mãe e esposa. (BRUSCHINI & BARROS: 1986).

O período compreendido entre as décadas de 1920 e 1930 apresenta um cenário de inúmeras reivindicações sobre a instrução sexual dos jovens na escola, mas não configura um aporte documental historiográfico importante e disponível. A referência de pesquisa mais considerada para uma abordagem histórica da Educação Sexual no Brasil ainda continua sendo o trabalho de SUSAN BESSE, conforme nos relata VIDAL:

“Alguns estudos sobre educação Sexual no Brasil, hoje ressentindo-se da falta de pesquisa histórica, ao abordar os primeiros anos da República, limitam-se a citar as informações contidas na tese de Doutorado de Susan BESSE (1983) e numa matéria publicada no Jornal do Brasil , em novembro de 1972, e encerram o período em, no máximo, três parágrafos, pulando rapidamente para os anos 60, onde identificam o início de um significativo debate sobre Educação Sexual.” (VIDAL, D. in SOUZA,1998, p. 57)

Esta análise demonstra a dificuldade de encontrar fontes historiográficas sobre a Educação Sexual e ainda aponta para outro obstáculo, a dificuldade de periodização da Educação Sexual no Brasil, dado que não há iniciativas oficiais nem uma homogeneidade na demanda por estudos desta natureza. Os estudos de VIDAL acrescentam uma novidade nesta trajetória, ao investigar e resgatar a produção do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (C.B.E.S), fundado em Julho de 1933 no Rio de Janeiro, presidido por José de ALBUQUERQUE, diretor e redator do Boletim, um órgão de divulgação das idéias do Círculo que foi editado até 1939 com tiragens de 50 mil exemplares. Pretendia difundir uma cultura sexual científica com

bases educacionais, de modo a trabalhar a formação da professora primária que deveria aprender a lidar com as questões da sexualidade infantil. Em 1934 há relatos da Semana de Educação Sexual promovida pelo Círculo neste mesmo ano. O Círculo dispôs do rádio para divulgar as propostas de uma educação sexual inovadora e alcançou notável sucesso com palestras radiofônicas de 15 minutos semanais. Trata-se de um estudo novo que aponta para novas possibilidades de investigação sobre a História da Educação Sexual no Brasil.

As demais obras com este perfil historiográfico marcam as seguintes etapas na construção da Educação Sexual brasileira: a experiência do Colégio Batista do Rio de Janeiro, localizada na década de 1940, com um forte acento religioso, a atuação institucional do Colégio de Sion nos anos 1960, onde o Padre E. CHARBONEAU inovava com algumas propostas de uma Educação Sexual da Juventude, nos limites da modernidade católica daquela década. Somente nos anos 1970, quando a deputada Júlia STEIMBRUCK propôs uma Educação Sexual a ser inserida nas escolas públicas do então Estado da Guanabara, sendo solenemente rechaçada pelos demais deputados ao propor esta questão, é que dispomos de alguma documentação sobre o interesse institucional da sociedade política neste aporte escolar de abordagem da sexualidade. Percebe-se que a partir dos anos 1960 há uma ampliação do debate sobre Educação Sexual escolar e em 1982 o Estado de São Paulo, no processo de redemocratização emergente daquela década e cenário político, implantou o Projeto A SEXUALIDADE HUMANA NUM ENFOQUE CURRICULAR (CENP:SP:1982), que tornou-se, na prática, a primeira iniciativa institucional de um Programa de Educação Sexual na estrutura da Escola Pública do Brasil. De lá para os anos 1990 a Educação Sexual expandiu-se como prática institucional em muitos dos estados brasileiros, quando a abordagem da Sexualidade atingiu formas de discursos e concepções muito diferentes daquelas tradicionais, tomando lugar nos Meios de Comunicação de Massa

(TV, Rádio, Jornais) e transformando-se num dos mais destacados assuntos de interesse social.

A partir dos anos 1980 organiza-se um segundo nível de pesquisa sobre Educação Sexual, os estudos acadêmicos nos Programas de Pós-Graduação em Educação ou em áreas correlatas entre Educação e Saúde. O fenômeno social da

eclosão da AIDS na sociedade contemporânea acelerou radicalmente a necessidade de novas pesquisas e abordagens da Sexualidade e Educação Sexual. Destaca-se a publicação de GOLDEMBERG, M.A. *Educação Sexual: Uma Proposta Um Desafio* (1986), que se tornou um marco na propositura institucional da Educação Sexual nos anos posteriores. Ainda nesta década surgem estudos de GUIMARÃES (1988), NUNES, (1987) que apontam para novas fontes de investigação da Sexualidade com a Sociedade, através da mediação da Escola, seja num aporte histórico-político como preconiza NUNES (1996), seja através do concurso da Psicologia, como aponta BARROSO & BRUSCHINI (1986) ou até mesmo a notoriedade assumida com os trabalhos de enfoque feminista na TV MULHER (1980) realizado por SUPLICY, M. Nos anos 1990 há uma expansão institucional e acadêmica da discussão sobre Educação Sexual. Destacam-se os estudos de FIGUEIRÓ, M. (1996), a tese de Doutorado de NUNES, C. (1996), bem como a institucionalização do Curso de Especialização em Educação Sexual na UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina entre outros cursos de pós-graduação que contam com linhas de pesquisa sobre o tema. Estas perspectivas apontam para uma efetiva consolidação deste tema na pesquisa e formação de educadores em Sexualidade e suas abordagens sociais e educacionais. Os trabalhos de SILVA (1997), NUNES e SILVA (2000), MELO (2000) e FIGUEIRÓ (2001), ampliaram as possibilidades analíticas e as dimensões educacionais do tema.

Os PCN's (1997, p. 111) revela que é apenas em meados dos anos 80, que a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumenta e começa a preocupar os educadores, em virtude do grande número de gravidez precoce, entre adolescentes, do aparecimento da AIDS, entre os jovens.

De acordo com SAYÃO (Ibid, p. 111) é nesse período que proliferam iniciativas de inclusão da Educação Sexual na rede privada de ensino em vários Estados do país, inclusive escolas de ensino religioso. No ano de 1989, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, sob a responsabilidade do professor Paulo Freire, decidiu implantar a Orientação Sexual na escola, inicialmente nas de 1º Grau e, posteriormente, nas de educação infantil. A Orientação sexual se baseia em proposta construtivista. SUPLICY (1988) ressalta "Na Educação Sexual, a ignorância

e as mentiras provocam resultados desastrosos. A ignorância provoca medo e culpa. A mentira corta o canal de comunicação entre pais e os filhos.”

PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) - São documentos organizados pelo Ministério da Educação e do Desporto que ditam as diretrizes do ensino nacional. Diante da coordenação do Ministério da Educação, em 1995 iniciou-se o processo de elaboração de parâmetros curriculares com ensejo de melhorar a qualidade do ensino e sob uma política educacional cujo eixo a cidadania como quesito fundamental para a democratização da sociedade brasileira. A Orientação Sexual se baseia em proposta construtivista e valoriza do desenvolvimento dos alunos para diferentes capacidades criadora e criativas do conhecimento.” (SILVA, Edna, 2000)

Este histórico permite visualizar a contextualização da Orientação Sexual no Brasil, uma vez que poucos autores dissertem sobre este tema.

Adicionando um breve histórico sobre a construção e elaboração do Tema Transversal Orientação Sexual, nos boletins que seguem:

’Sob a coordenação do MEC, em 1995, iniciou-se um processo de elaboração de Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, em substituição ao currículo mínimo comum atualmente em vigor. A questão curricular é um dos aspectos que, relacionando-se com a política educacional, pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. A elaboração de tais parâmetros tem como eixo nacional para o ensino fundamental, com ensejo estruturante a cidadania, quesito fundamental para a democratização da sociedade brasileira.

A orientação posta nos Parâmetros baseia-se nos princípios construtivistas e valoriza o desenvolvimento de diferentes capacidades para a utilização crítica e criativa do conhecimento. Quatro princípios norteiam todos os conteúdos propostos: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e co-responsabilidade pela vida social.

Em 1996 as versões preliminares dos textos foram reformuladas a partir de centenas de pareceres elaborados por especialistas em educação e educadores brasileiros.

Em fase de conclusão e aguardando aprovação do Conselho Nacional de Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais serão editados em 1997 e distribuídos às escolas de todo o país. Nesta primeira fase contempla concepção de cada área, justificativa e objetivos gerais para primeira a oitava séries, detalhando os conteúdos de primeira a quarta séries.

E como se dá a inserção de Orientação Sexual nessa proposta?

Vejamos: ao se analisar a sociedade contemporânea detectou-se a existência de questões sociais emergentes que não são abarcadas por completo nas disciplinas tradicionais. Surge então a proposta de Temas Transversais às disciplinas, que buscam contemplar questões relativas à Saúde, Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.”

Nº 8 - SET/DEZ 96

EDITORIAL, este é o nosso último boletim de 1996.

O ano começa e termina, e nós nem nos damos conta. Os marcos, as passagens, as mudanças são fundamentais pois impõem uma finitude no que achamos poder transformar em infinito: nosso tempo, nossas vidas, nossas ações profissionais, nosso ano.

Em Agosto nossa agenda já está sendo feita para Janeiro. Ainda nem passamos “de corpo e alma” e já estamos no outro ano. Uma parte fica e outra já foi, já está lá na frente: o próximo trabalho, os próximos projetos, futuros desafios.

Estamos presentes no futuro e ausentes do presente.

No nosso caso, de educadores, não podemos perder a riqueza do significado das passagens, das mudanças.

Possibilitar a parada para a passagem que virá. “Parou para ver, ouvir e dar passagem”... lembra da canção?

Por isto, neste final de ano, queremos que estas palavras, tão comuns, possam simbolizar as passagens de todos e de cada um Parabéns por 1996 e feliz 1997! Nós todos merecemos.

Segue outro texto “A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais” por Yara Sayão, autora que ajudou a construir o Parâmetro, volume 10.

Cidadania é o eixo central da proposta

Todos estes temas se articulam num bloco denominado Convívio Social e Ética, aspecto fundamental do cotidiano escolar. Não se constituem em disciplinas, embora suas proposições fundamentais sejam absorvidas por elas. Por exemplo: a abordagem proposta ao tema “corpo humano” em Orientação Sexual é incorporada pelas disciplinas de Ciências e Educação Física, ou seja, os conteúdos dos temas transversais são assumidos pelas disciplinas tradicionais.

Dessa forma, busca-se trabalhar uma abordagem menos fragmentada do conhecimento nestas áreas, propiciando aos alunos uma maior integração entre os aspectos individuais e sociais contidos no ensinar e aprender.

O texto de Orientação Sexual contido nos Parâmetros oferece também aos profissionais da educação uma visão de como trabalhar com sexualidade na escola, privilegiando a distinção entre o público e o privado nas questões relativas às manifestações da sexualidade.

Afirma como valores fundamentais a sexualidade ligada ao prazer, à vida e à responsabilidade, incluindo, portanto o desenvolvimento das capacidades afetivas, de inter-relação pessoal e de inserção social.

A inclusão de Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais representa a garantia de respaldo legal tanto para implantar como para impulsionar os trabalhos já existentes na área. Representa também um avanço para a questão do ensino no país o fato de se considerar questões significativas da subjetividade como pertinentes ao plano do conhecimento escolar.

Sabemos que ainda há muito por fazer, principalmente no que diz respeito à formação de profissionais em Orientação Sexual. Que tal encararmos, individual e coletivamente, este desafio?

BOLETIM GTPOS Nº 8 - SET/DEZ 96

A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Nos últimos anos a sociedade brasileira avançou muito no reconhecimento dos direitos humanos e de cidadania de crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente é a parte mais visível desse avanço. Entretanto, quando se trata do direito à educação para a saúde sexual não se pode dizer o mesmo.

O conceito de saúde, nas três últimas décadas, vem sofrendo expansões gradativas, ao ponto de saúde ser hoje a condição de pleno desenvolvimento individual e coletivo de potencialidades humanas, nos planos físico-biológico, psicológico, ambiental, emocional, cultural, etc.

Assim considerada, a saúde cria um território em comum cada vez maior com a educação, por sua vez passa a ser o instrumento indispensável para tornar possível essa condição necessária de saúde.

A educação para a saúde sexual vista em sua função mais ampla, não é apenas a transmissão de um conjunto de informações indispensáveis para compreender o corpo e seu funcionamento em relação à sexualidade e suas derivações.

É sobre tudo uma questão de cidadania, porque deve tornar acessíveis os direitos civis, sociais, políticos e humanos das crianças e adolescentes relacionados diretamente à sexualidade.

Estes conceitos são a base de um projeto de Todos os adolescentes têm direito à educação para a saúde sexual. (Maria Luiza Costa)

Sempre foi assunto para se discutido no âmbito escolar, a formalização dos Parâmetros Curriculares Nacionais favoreceu o tratamento deste tema e cada vez, mais materiais vem adicionar nas bibliotecas escolares com a temática da sexualidade humana, estes boletins demonstram os “bastidores”, as discussões que antecederam a produção dos Parâmetro Curricular Nacional, o volume 10, Tema Transversal “Orientação Sexual”

D) A Educação Sexual Emancipatória para além dos PCN'S.

A educação sexual alvitra a superação do sexismo e também dos estereótipos sexuais.

Segundo as contribuições do autor Nunes(2000),

Sexismo: o preconceito com o sexo; já os estereótipos de homem: ser essencialmente lógico, forte, objetivo, autônomo, voltado para atividades afirmativas, solidárias, conscientes racionais e determinada; e a mulher: concepção de feminilidade intuitiva, emocional, sensitiva, voluntarista e pré-racional; o conceito de gênero como primeira classificação simbólica, a primeira representação significativa entre as identidades do ser homem e ser mulher, finalizando o sexismo é fundamento ideológico de estereótipos.

Outro autor valoriza a educação sexual, Vasconcelos dizia:

Parece, pois, que uma educação sexual não pode prescindir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Porque, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições em desenvolvê-la em seu contexto pessoal, de criá-la. E não se preparam estas pré-condições, se não em uma perspectiva

criativa, de dar condições uma elaboração pessoal.É, então, o sentido criador mesmo que deverá ser a meta de uma educação sexual.Afinal a sexualidade é um modo de expressão, liga-se estreitamente à sensibilidade constituindo, com ela, essa atividade essencialmente humana que é o erotismo. (VASCONCELOS, 1971, p. 30)

Concluindo sob a visão do NUNES, Educação Sexual Emancipatória, na concepção emancipatória,

Significa afirmar que a Educação Sexual, é a construção do erotismo, isto é, a capacidade de relaciona-se com o mundo da natureza e com os demais seres humanos de maneira singular e subjetiva.

E se fundamenta numa concepção emancipatória que:“...deverá, portanto, ser científica, crítica, e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre. A crítica histórica dos papéis sexuais nos permitindo dizer que só é possível criar uma concepção ampla da sexualidade nas crianças e jovens por aqueles que acreditem na liberdade, liberdade dos homens e das pessoas assumirem com plenitude seu papel único de sujeitos”. NUNES, 2000, p. 125).

A educação sexual emancipatória tem em sua proporção formar sujeitos autônomos e responsáveis, que forneça elementos suficientes para um bom relacionamento humano vinculado a respeito mútuo, prazer.

Como não há uma receita, pronta a ser aplicada, para que a Educação Sexual seja construída em sua prática pedagógica é necessário como educador, rever os próprios conceitos, rever sua própria sexualidade e, a pedagogia deve permear sob a perspectiva na concepção emancipatória. É preciso uma abordagem da sexualidade que supere a da proposta regulada pelo Parâmetro Curricular Nacional(1997), proposta esta como tema transversal com as demais disciplinas, nesse sentido a abordagem se perde, ela precisa ser sistematizada, intencional, requer investigação sobre o tema, referencias enfim, não é um tema fácil, mas quando pesquisado passa a ser contagiante.

Capítulo II - A IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS, POSSIBILIDADES E LIMITES.

O presente capítulo tem como intenção descrever a dinâmica de planejamento, execução e avaliação de um projeto de educação sexual nas séries iniciais, de modo a constituir as bases de uma reflexão e interpretação das potencialidades desse campo de educação e formação.

A) O universo da pesquisa.

A pesquisa de levantamento começou por leituras, sobre o relevante tema da sexualidade da criança e suas indagações, bem como a educação sexual no interior da escola. Perpassou por bibliografias com referenciais teóricos que fundamentaram e fomentaram a investigação sobre o assunto, permitiu fazer uma análise histórico-cultural, social e política proporcionando críticas e reflexões diante da teoria e da prática, construindo conhecimento capaz de distinguir a desenvoltura do tema nas duas redes de ensino pesquisadas serviram de aporte de campo, otimizando a conclusão do trabalho.

As leituras sobre o tema iniciam-se no primeiro semestre de 2004, na influência da disciplina de Filosofia da Educação, ateadada pelo professor doutor César Nunes com suas produções literárias sobre o tema da sexualidade da criança e Filosofia vem contribuindo para o saber desde então.

A pesquisa desencadeou interesse no acervo da Biblioteca da Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino Leste de Campinas, balizando a construção desta monografia. Também cabe acrescentar os encontros no CEFORMA II na Vila Marieta, na busca de dados.

O fechamento da pesquisa teve seu término em novembro de 2007, oitavo semestre do curso, apesar da diversidade de leituras este trabalho esta apenas engatinhando, inquietando-me, e promovendo a adesão da pesquisa permanente sobre o assunto.

Por fim, o objetivo principal foi alcançado, que era diagnosticar se os alunos da educação básica, principalmente das 3^{as} e 4^{as} séries estão recebendo em suas salas de aula Educação Sexual.

B) As fontes primárias – os projetos, os agentes, os livros, a programação.

As fontes primárias retidas de leituras da publicação de 2005 pelo atual prefeito do Município de Campinas, “Sexualidade na Diversidade”, o Parâmetro Curricular Nacional Volume 10, Pluralidade Cultural e Orientação sexual (1997).

Posteriormente a pesquisa foi ganhando corpo e conteúdo, com contribuição da Lei de Diretrizes e Bases de 9394/96 de 1996, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), do Censo 2000, da Música Popular Brasileira agrupando no tema da sexualidade, os papéis sexuais na nossa sociedade pela obra do jornalista Rodrigo Faour (2006), as bibliografias e referências bibliográficas.

Atualmente a rede de ensino estadual mantém o projeto “Prevenção Também se Ensina” que atrela aos assuntos voltados a Orientação Sexual e a Prevenção Contra as Drogas.

Já na rede municipal o Projeto de Orientação Sexual um projeto próprio, hoje denominado Rede de programa de projeto de Orientação Sexual lidando o tema da sexualidade a outros temas ligados às prevenções e a promoção da saúde.

Segue amostra do projeto retirado do site da Prefeitura de Campinas, no link de projetos na área da educação.

“PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

É coordenado pela Maria Geralda Bernardis. Cujo público alvo são professores, alunos, monitores e gestores da Rede Municipal de Ensino de Campinas.

O trabalho tem como objetivo a orientação de professores, monitoras e gestores para um desenvolvimento saudável das crianças, jovens e adultos, no que toca à sexualidade humana, principalmente pela preparação para o exercício dos cuidados consigo e o outro.

Promove a interface entre a SME e outras secretarias (Saúde, Ação Social, Cultura) assim como entre a SME e outras organizações voltadas à prevenção nos casos de abuso ou exploração sexual de menores e violência doméstica, com orientação às escolas. Fortalece uma Cultura da Paz, estimulando a criação de Grêmios Estudantis e fortalecimento dos Conselhos de Escola.

Atendimento em 2005: 1.107 professores envolvidos em formação e acompanhamento; 3.000 alunos atingidos e 44 alunos monitores. Responsável: Maria Geralda Bernardis e profissionais abaixo relacionados: Afonso Henrique Pazini, Edna Scola Klein, Marila Lígia S. Maule, Yone de L. F. Machado e Jussara Matos.

O Currículo: Trabalho de Sexualidade como caminho para um ponto em comum.

O que dá identidade aos trabalhos desenvolvidos pelo Programa Rede de Projetos de Orientação Sexual é o conjunto de ações desenvolvidas pelas variadas formas de acesso e sistematização dos conhecimentos oferecidos pelos educadores aos alunos, como forma de garantir e elevar a qualidade social da educação de todos os envolvidos.

Considerando que a Escola é um micro universo de culturas diversas, pensamos em

uma escola que prepare a vida, para a construção, formalização, promoção e facilitação da aprendizagem sobre o mundo e sobre si mesmo. Dessa forma podemos incluir um trabalho reflexivo sobre as sexualidades e a proposta que atenda o objetivo de lutar contra os preconceitos, as violências e a falta de informações acerca da saúde sexual e reprodutiva. Compreendemos ainda, que sendo a escola um espaço de todas as vivências, convivências e relacionamentos nossos educandos vivenciam novas formas de se relacionarem, de se conhecerem e de estabelecerem vínculos afetivos, vivendo dessa forma as suas sexualidades como um conjunto de sentimentos, emoções, valores, educação familiar, escolar e energia vital que nasce consigo, manifestando-se de diferentes formas e vibrações que promovem prazer ou não em todo o corpo: biológico. Afetivo, social e político. Se fortalecidos por todos esses aspectos, teremos um educando conhecedor de seus direitos, identidades e deveres, identificando-se enquanto sujeito de compromissos e responsabilidades sobre todas as suas ações e prevenções do dia a dia.

Perfil do Professor:

O professor deve ter o aluno como um sujeito de direitos e deveres com potencial para conquistas, progressos, reconhecimentos, evolução no processo de formação. Ter clareza dos objetivos e princípios do programa, assim como temas a serem explorados. Estar receptivo ao aluno com qualidade no ouvir despojado de juízo e de valores. Estar aberto para um trabalho motivador, afetivo, que utiliza dinâmicas, filmes, vivências, dramatizações, poesias, músicas, danças, trabalhos corporais e que favorece a participação e avaliação do aluno como forma de revisão do processo de envolvimento e participação. Ser afetivo e respeitoso no cuidado das relações: consigo e com o outro, favorecer um espaço de estudo, inovação, respeito, participação e afetividade. Participar de formação, de avaliação, de pesquisa, buscando inovações, socialização e integração com a comunidade escolar. Estimular, acompanhar e fortalecer os núcleos de adolescentes valorizando o potencial jovem, inclusive para formação dos grêmios estudantis. Refletir sobre, m estimular e acompanhar as parcerias de atendimento aos alunos. Envolver pais e comunidade nas reflexões sobre prevenções, sexualidade, educação, afetividade, respeito e participação. Promover um espaço de formação, socialização das temáticas do Programa com a Comunidade Escolar. Ser participativo, assíduo, responsável e estar aberto à discussões e possibilidades de mudanças. Disponibilizar e socializar o material de formação à direção e equipe escolar. Ter clareza da importância do projeto para os alunos, sejam: crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos e de que o mesmo é da escola, portanto deverá ser avaliado periodicamente pela equipe escolar. Eleição e encaminhamento de alunos adolescentes agentes educativos.

Objetivo Geral: Formular e implementar ações contínuas e sistematizadas em sexualidade Humana com ênfase em Saúde Sexual e Reprodutiva nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas, contribuindo para a formação cidadã da (o) adolescente. Promover um processo contínuo de formação, que através de compreensão teórica, leve uma reflexão da prática pedagógica e quando necessário estabelecer mudanças de postura frente a expressão da sexualidade da criança e de todos educandos no cotidiano das escolas.

Conteúdo Programático: 1. Estudo, reflexão e ação sobre os três pilares do Programa: Sexualidade, Educação e Cidadania;

2. Discussão de temáticas, de conceitos que envolvam diferentes realidades, visualizando mudança de postura, mudança de olhar, revisão de valores, avaliação sistemática e processual.

Metodologia: Participação dos grupos de formação continuada; este poderão receber 'declaração de participação' mediante presença comprovada em 90% de todas atividades anuais promovidas pelo Programa".

Segue um histórico da Orientação Sexual na escola municipal de Campinas, referenciando a publicação de 2005 "Sexualidades na diversidade" da Secretaria Municipal da Educação de Campinas, elabora o Programa de rede de Projetos de Orientação Sexual, pelo atual Prefeito Dr. Hélio de Oliveira Santos, cujo levantamento histórico prossegue:

Início do projeto em 1984, na Escola Municipal Ensino Fundamental "Padre Melico Cândido Barbosa", do Parque Tropical, em Campinas devido a necessidade de um trabalho de Sexualidade, na comunidade escolar. A diretora Aurélia Cassiano do Amaral contatou o psicólogo José Carlos Vitor Gomes para iniciar um projeto piloto junto aos professores e alunos, o psicólogo fez parceria com seu colega Ricardo de Castro e Silva,

O secretário da Educação Enildo Galvão Pessoa denominou o Projeto de Orientação sexual com o tema trabalhado "Timidez patológica". No início 380 alunos acompanhados por 20 professores e pais. Devido a boa aceitação em 1985, outras quatro escolas aderiram ao projeto: EMEF'S "Raul Pila"; Elvira Muraro; Anália F. Costa Couto" e prof. Benevenuto F. Torres., crescendo adesão nos a nos, 86 e 87, quando em 1987 o tema em discussão foi AIDS, em parceria com o Centro Corsini, pedagoga Cleuza Luiza R. Sironi e o psicólogo Ricardo castro e Silva, capacitaram professores e se implantou em toda rede municipal de ensino. De ensino fundamental, mas somente para alunos de 7ª e 8ª série, dentro da carga horária de Ciências. Elaboraram uma cartilha, e aconteceu em 1988 o I Encontro de Orientação sexual, com o tema em discussão citado acima, participaram da 5ª Conferência Brasileira de Educação.

Em 1989, uma nova metodologia estrutura foi desenvolvida, com o governo de Newton Bryan e a diretora pedagógica Corinta Geraldi, avaliaram em assembléia com participantes especialistas em educação que o projeto AIDS: uma questão de educação deveria ser interrompido e sim, elabora e implanta um novo projeto as seguintes características: conquista do espaço de uma sala de aula para discussão dos assuntos relativos a sexualidade, nas áreas biológicas, afetiva e social,

professores escolhidos pelos alunos devido a afinidade e o relacionamento com os mesmos; professores de todas as áreas de ensino ou disciplinas; participação dos alunos - opcional, com consentimento dos pais.

Inexistência de programas preestabelecidos e sim, assuntos de interesse dos alunos, sempre trabalhando nas áreas biológica, afetiva e social, trabalhando com o desenvolvimento integral dos alunos, com afetividade e auto-estima. Formação sistemática e contínua de professores e aos pais com reunião mensal.

Em 1990, uma lei orgânica do município torna Orientação Sexual atividade a ser desenvolvida nas escolas e passou a ser tratada como atividade pedagógica obrigatória nas mesmas.

Na mesa de debates mostra grande amadurecimento quanto às questões ligado à sexualidade, der forma natural e tornando os adolescentes como agentes educativos na integração como os colegas.

Lançamento do livro “O amor de ontem e hoje em relação ao Sexo” pelos alunos EMEF “Leonor Savi Chaib”.

Em 1991, A secretaria da Educação prof^a. Solange Pelicer concretiza de projeto a programa que se estende da 5^a à 8^asérie, opcional para 1^a a 4^a série.

O programa ganha um prédio para realizar formação, encontros na rua Dr. Betim, 520, Vila Marieta, hoje CEFORMA II.

Ainda em 1991, a FUMEC também adere ao programa participação do ENA – Encontro Nacional dos Estudantes; Lançamento da revista “Quando os adolescentes se encontram.”

Em 1992, o lançamento do jornal “Trombeta Voadora”, professores multiplicadores e alunos agentes educativos.

Em 1993 iniciaram-se os trabalhos na educação infantil.

Já em 1994, cresce o número de professores, lançamento da Coletânea do VII Encontro de Orientação Sexual

No ano de 1995 foi o ano de encontro com crianças de 3 a 9 anos, com a participação de 700 crianças. Ainda neste ano, lançamento da coletânea do VII Encontro de Orientação sexual, uma parceria com a Faculdade de Educação, UNICAMP, permitiu maior credibilidade ao Programa, além da dissertação de Mestrado de Ricardo de Castro e Silva.

Entre 1996 e 1997 o programa contava com 8.500 adolescentes, 1000 crianças, 600 jovens/adultos e 140 educadores, um novo projeto “Adolescentes Voluntários” compostos por alunos já formados, promovia encontros aos sábados. Ainda em 1996, ocorreu o I Encontro de alunos de 3ª e 4ª séries, foram elaboradas Cartilhas Educativas de Orientação Sexual. E, em 1997 foi criado um projeto piloto com a participação dos professores com mais de cinco anos de participação no programa.

Porém, em 1998 o Programa de Orientação Sexual foi interrompido, depois que a Orientação Sexual passa a ser incorporada a tema transversal, parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais a ser trabalho entre as diversas áreas ou disciplinas.

Diante às reivindicações, o Programa de Orientação Sexual, volta em 2001, com o nome Programa Rede de Projetos de Orientação Sexual, coordenado por Cleuza Luiza Rodrigues Sironi e Ricardo de Castro e Silva. O objetivo do Programa é de formular e implementar ações contínuas e sistematizadas em Sexualidade Humana com ênfase em Saúde Sexual e Reprodutiva, agregado aos Núcleos de Ação Educativa Descentraliza (NAED), com temas de Prevenção à Violência Doméstica, Exploração Sexual, Prevenção ao Uso do Tabaco, Saúde e Prevenção nas escolas, Prevenção às Violências e também “Paz nas escolas”.

Para adentrar um pouco mais, Ricardo Castro e Silva, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, defendida em 1995, o desenvolvimento do Projeto Orientação Sexual na rede municipal da Prefeitura de Campinas, município do estado de São Paulo, constituído por professores que passa por processo de formação e passam a ser Orientadores Sexuais (OS). Este projeto se inicia no ano de 1984, no entanto, muitos iniciaram sua atuação através do projeto “AIDS uma questão de educação”, de 1987, pela iniciativa do Centro Corsini cuja metodologia favoreceu a adesão.

Relatos de professores emergem suas revelações na pesquisa:

“Eu já fazia este tipo de trabalho com meus alunos, mas ficava muito sozinha. Com o projeto pude realmente vivenciar um trabalho construtivista, de construção coletiva mesmo. (MDC)”

“A escola sempre soube que os alunos precisavam destas conversas, mas nunca se propôs a fazer. Todos tinham medo por causa dos pais. Mas a forma do grupo de professores já existia e eu quis conhecer o trabalho. Gostei e fiquei. (H)” (CASTRO, 1995, p.41)

O trabalho partiu da sala de aula como referência a fim de encontrar a melhor forma, verificando a necessidade do aluno e passando para o grupo de formação.

Este era um trabalho novo, onde o debate sobre o tema da sexualidade entra na escola,

“Reaprender a falar de si, a contar de si, para poder ouvir o outro, reaprender a conhecer-se e aos alunos era na verdade o grande exercício realizado. As relações, a partir daí, não eram mais as mesmas, pois as pessoas também não eram mais a si mesmas”. (CASTRO, 1995, p. 44)

Praticamente o trabalho dos professores do Programa de Orientação Sexual da Prefeitura de Campinas partiu da regra de o trabalho ser construído por todos, entre professores e alunos o “fazer fazendo”, o roteiro era traçado e seguido pelos ouvintes:

“A quarta-feira era o lugar em que pô professor se despia, se mostrava, colocava suas dúvidas. O mundo está mudando e você tem que acompanhar.” (N) id (CASTRO, 1995, p. 48)

Os encontros entre os professores eram marcados de afeto e entrosamento, havia ali uma construção de vínculo que proporcionava a continuidade de encontros. Havia uma série de diferenças sendo este um elemento chave na formação destes profissionais tais de diferenças relatadas como: formação, valores, opiniões e vivências pessoais, nível de informação e conhecimentos específicos, disponibilidade e criatividade das pessoas, temas propostos e a forma de trabalhá-las; diferenças existentes entre alunos acentuavam pelos seus valores e vivências e pelas condições de vida das famílias e do bairro onde moram.

“Ter contato como diferente e saber lidar com lê. Poder constatar e discutir as diferentes opiniões que se colocam”. (SH) (CASTRO, 1995, p. 50)

As diretrizes que fundamentam a trabalhar com as diferenças partiam de referências como (GUATARI, 1993, p. 55), segundo Castro e Silva o processo contínuo de re-singularização que deve ocorrer com as pessoas, as instituições (neste caso a escola) e as relações.

“Ao invés de ficar perpetuando ao sabor da eficácia falaciosa de “challengers” econômicos ,trata-se de se reapropriar de Universos de valor no eixo das quais processos de singularização poderão reencontrar consistências. Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas prática na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho. (GUATARI, p. 55)

Outra citação para demonstrar a preocupação de colocar os professores em contato com um universo desconhecido, estranho, “a sexualidade”.

Uma maneira de recusar todos esses modos de codificação pré-estabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATARI, 1986, p. 97)

Para este projeto quando a professora adquire competência para lidar com diferenças existentes nos grupos de trabalho, possivelmente terá desenvolvido outro nível de experiências com seus alunos. Poder-se-disser que é um processo inicial de auto-conhecimento, para depois poder compreender o outro. Isso tudo ocorre em roda de discussões aos temas ligados à sexualidade, os autores citados são suas referências para o trabalho com os alunos.

O professor passa a ocupar um novo lugar na sala de aula, não mais o de “dono da verdade” mas sim de problematizador, um desequilibrador das verdades repetidas de sem significação e de informações descontextualizadas (CASTRO, 1995, p. 56).

Cabe exemplificar uma situação ocorrida em uma 3ª série de uma escola da rede municipal de Campinas: “a professora conversava com a classe sobre drogas, por ter sido este um tema escolhido para debate. Como dizem os professores:

“todo mundo se ligou no assunto.” Ao fazerem um levantamento dos tipos de drogas de que já tinham ouvido falar, as crianças falaram em álcool, porque a grande maioria tinha em casa uma pessoa envolvida com bebida. Riram, ficaram sérias, perguntavam entre si detalhes sobre as situações de casa e, a partir de um determinado momento, começaram a trocar entre si “receitas” de como cuidar de uma pessoa alcoólatra, porque a grande maioria dos alunos lidava com esta realidade em casa. O debate empolgou a todos, porque nascia de uma história comum, trazida por alguns que, naquela aula, haviam sido escolhidos e autorizados a falar. Muitos outros temas aparecem em sala de aula e também conseguem obter identificação e reconhecimento do grupo. O abuso sexual, a violência em casa, prostituição, a primeira transa, a certeza de que nunca conseguirão se amados, a AIDS, a vontade e o medo de serem homens e de serem mulheres são exemplos de temas protagônicos, ou seja, temas que emergem do grupo com uma força capaz de aglutinar a todos, propiciando a realização de um trabalho coletivo e significativo. Estes temas aparecem através de histórias montadas, contadas ou vividas que muitas vezes, nos deixam paralisados, atônicos e impotentes, pois denunciam a situação de extrema falta de proteção vivida pela criança e pelo adolescente. (CASTRO, 1995, p. 61)

Abrolham no cotidiano escolar temas reais que fazem parte da vida dos alunos, e que abertura para discussão remete a emoção de todos e a permite elevar suas possibilidades de lidar com sua própria realidade. Para esta proposta é fundamentada na que a autora Alicia Fernandes que ao revelar essa história que diz que ao falar da história da vida através da linguagem, do gesto do afetivo é resgatar o simbólico.

“O nível simbólico é o que organiza a vida afetiva e a vida das significações. A linguagem, o gesto e os afetos agem como significados ou com significantes com os quais o sujeito só pode dizer como sente seu mundo parte dos aspectos que nós incluímos no que denominamos nível simbólico, às vezes é chamado emoções, afetividade e inclusive inconsciente” (FERNANDES.1990, p.74) Id (CASTRO, 1995, p. 63)

Este projeto libera e possibilita aos alunos, professores e comunidade a trilharem caminhos diferentes como seguem relatos da pesquisa de dissertação referida:

“Dona, ontem eu não vim, porque fui no posto para fazer exames para começar a tomar comprimido para não engravidar.”(aluna 3ª série)

“Descobri que tenho direito ao prazer e que sem ele não tem como ser feliz.” (professor)

“Depois de anos de casamento, graças ao grupo de mães, eu consegui conversar com o meu marido a me levar a um motel. Foi uma noite muito boa” (mãe que participava de um grupo de mães que se formou e permaneceram juntas durante dois anos com o acompanhamento da professora de OS, (id.p. 69)

As ocorrências semanais de discussões sobre o tema da sexualidade tiraram dos banheiros, das carteiras as pichações de palavrões, para os professores foi resultado do espaço no interior da escola para poderem falar sobre sexualidade, sobre a sua própria sexualidade.

Para o aluno da terceira série...

“Eu gosto de orientação sexual porque nós conversamos abertamente e quando a professora faz aquelas brincadeiras é muito legal. Eu não me importo com os outros que dizem que somos muito pequeno para ter aula de orientação sexual. Eles falam que a professora é maluca. Mas ela faz isso para nos ensinar e depois que ela começou a dar aula de orientação sexual, nós começamos, a saber, mais sobre o corpo humano e sua finalidade. Eu adorei e que pena que é somente uma aula por semana”. Id (CASTRO, 1995, p. 126).

São poucas as escolas que trabalham o tema, no entanto a formação continuada, os encontros, os fatos constados acima que fizeram nos olhos brilharam

na década passada, hoje se abradam, pois a escola tornou a tratar do tema de forma tímida, regredindo, enquanto isso nos indignou com a inconseqüência do trabalho pleno.

O Programa “Prevenção Também se Ensina” da Rede Estadual do Estado de São Paulo, coordenado pela SEE - Secretaria de Estado da Educação, é executada pela FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação em escolas da rede pública estadual de ensino desde 1996. A iniciativa é voltada à promoção da cidadania saudável e à redução da vulnerabilidade da comunidade escolar à gravidez na adolescência, ao uso indevido de drogas e as DST/AIDS.

A iniciativa, segundo as informações retiradas da página do FDE, abrange todas as escolas das 90 Diretorias de Ensino do Estado, beneficiando alunos dos ensinos Fundamental e Médio. Entre seus objetivos está a viabilização na rede estadual de ensino de um projeto de educação continuada que propicie condições para o desenvolvimento da auto-estima dos alunos e do senso de responsabilidade sobre a saúde individual e coletiva, promovendo a redução do abuso de drogas e a conscientização sobre as complicações relacionadas à gravidez na adolescência e sobre as DST/AIDS.

Para atingir seus objetivos, o programa “Prevenção Também se Ensina”: capacita educadores das Diretorias de Ensino para assessorar, acompanhar e avaliar a implantação de projetos relacionados aos temas da iniciativa; capacita educadores das unidades escolares, dando condições para implantarem projetos de prevenção no âmbito da comunidade escolar; dota as escolas e Oficinas Pedagógicas de materiais didáticos específicos, de forma a viabilizar a implantação dos projetos de prevenção; e cria espaços comunitários informais para discussão e reflexão de temas pertinentes ao projeto, envolvendo centros de saúde, ONGs, associações comunitárias e outras entidades que desenvolvam ações de prevenção e tratamento na região.

A oficina pedagógica da Diretoria Leste de Campinas oferece um acervo de livros literários e científicos, folhetos, vídeos em VHS e DVD's sobre a temática da sexualidade e precisamente sobre Educação Sexual e Orientação Sexual.

O programa é voltado para o ensino fundamental a partir da 5ª série, vários professores foram formados, mas como o foco da pesquisa era analisar as 3ª e 4ª séries não foram encontradas escolas que permitissem tal configuração.

O material didático oferecido proporciona à equipe pedagógica da escola ferramentas para introduzir em sua proposta pedagógica a inclusão da sexualidade dentro do currículo escolar.

No vídeo com título de “Orientação Sexual” tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais, conta com a participação das autoras Yara Sayão e Lídia Rosemberg Aratangy que tecem possibilidades de tratar o tema independente da faixa etária, pois as discussões partem do que os alunos querem saber, preservando os mesmos, a escola precisa se modificar, suas atitudes independente da relação de horas, é questão de direitos de homens e mulheres, para Sayão;

“investir na educação sexual, modificar as atitudes das crianças para a vida adulta”

E acrescenta a autora Aratangy,

“ O problema que uma discussão sobre a sexualidade não pode se confundir como uma aula de anatomia, tratar dos genitais, escrever os genitais, não significa tratar da sexualidade. É como desmontar um relógio para explicar o mecanismo do tempo. Uma discussão da sexualidade também não deve se confundir como aula de moral tem que lidar com o interlocutor, a criança como uma pessoa inteira, com suas crenças e valores, pudores, bagagem que a criança traz.”

Para as autoras não adianta trazer para sala de aula entre crianças de 6,7, 8 anos assuntos sobre namoro, que ainda não estariam presentes nas indagações das crianças, antes é preciso mapear esta conversa com a criança, seu universo, o papel do professor é estar atento, para poder conhecer o aluno.

O vídeo também traz elementos no campo da saúde, argumentando que quando a escola orienta o aluno, quando ela ajuda o aluno a se relacionar, ela também o ajuda a prevenir problemas como abuso sexual, caso de AIDS, traz para o aluno a discussão da sexualidade de uma maneira mais saudável.

Um filme informativo, bastante criativo com o título “O amor com responsabilidade”, permite a discussão do amor e proteção, é uma história com personagens na forma de desenho, no espaço sideral, “Os Estrólinos, Piratas do

Espaço” que querem destruir os humanos e, vem à Terra em missões para maiores descobertas dos humanos em relação à sua sexualidade.

Recurso áudio-visual disparador de discussão inclusive levanta possibilidades de aprofundar a questão do preconceito como, por exemplo, as crianças portadoras de HIV nas relações escolares.

A série de vídeos do Programa “Viva Legal”, também é recurso didático a disposição de maiores informações no campo da Sexualidade Humana, trazendo métodos anticoncepcionais; como a gravidez acontece; função biológica- reprodução e prazer; gravidez na adolescência; a perda do corpo infantil;

Outro ponto do vídeo é o papel do professor na Orientação Sexual dos alunos, o tema deve estar inserido no projeto pedagógico e ao planejar a transversalidade é com a participação de toda a população escolar. Baseado em conhecimento científico e informações.

O vídeo “Prioridade Criança” de 1999, relata vivências de crianças carentes, de acordo com pesquisas, as de baixa renda são mais vulneráveis a evasão escolar, gravidez precoce, contaminação e transmissão de DST, a discussão do vídeo permite também na perspectiva da Ética contribuir para a reflexão dos profissionais interessados.

Outro vídeo “Educação Sexual nas Escolas, Vamos desvendar este mistério” 2002 é uma teleconferência que conta com a participação da Coordenadora do Ministério da Educação, de Especialistas em Educação Sexual, elevando a discussão para uma análise de extrema importância para a formação de professores interessados em começarem um trabalho que por eles, dizem que é difícil porém não é impossível, salientam a importância e a urgência em tratar da sexualidade nas escolas desde a educação infantil, num projeto contínuo e sistemático. O vídeo também oferece dados da pesquisa do UNICEF, endereços eletrônicos, telefones para os interessados possam adquirir os materiais didáticos apresentados.

Ainda, o vídeo “Documentário: Prevenção Também se Ensina-1998, apresenta de diferentes experiências, revelando realidades diversas, tem o objetivo de facilitar a reflexão de como a comunidade escolar pode trabalhar projetos de prevenção à DST? AIDS, à gravidez indesejada e o uso indevido de drogas, na perspectiva dos

temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, 26min15s. SEESP-FDE.

E o “E Agora Aurora?” Um vídeo que abrangente e trazem muitos temas pra reflexão, tais como: vivência da sexualidade, prazer, gênero, planejamento familiar, auto-estima, respeito mutuo, mitos e fantasias relacionados as DST/AIDS, etc. Programa Estadual DST/AIDS-Secretaria de Estado e Saúde, 1998 Produção Três laranjas, 21 min. Governo do Estado de São Paulo.

Por fim, cabe comentar do vídeo “Filosofia para crianças - Educação para o pensar” (1999), são relatos de escolas que introduziram em seus projetos pedagógicos momentos para reflexão, introduzindo temas que possibilitem a discussão em um ambiente preparado que permita ao aluno expor suas idéias e ir construindo um pensamento crítico e criativo.

O vídeo conta com a participação de professores de Filosofia, do Coordenador Pedagógico Marcos Lorieri, e autores Mathew Lipman e Ann Sharp, que descrevem a educação como uma experiência que deve ser atrativa e apreciada. Filosofia, é preciso saber ouvir, não é uma questão de contar o que você já sabe, mas de ouvir opiniões das crianças e tentar lembrar como essas opiniões em várias instâncias reconstroem a História da Filosofia.

Também é colocado o papel do professor como alguém que tenha vontade de se envolver em investigação com as crianças, e chegar num entendimento profundo, que permita mergulhar na conversação filosófica em diálogos freqüentes.

Parafraseando Marcos Lorieri,

“Há quase um “milagre” quando pensamos juntos, ou quando pensamos em uma comunidade de investigação: nós passamos a pensar melhor e por nós mesmos, o que representa duas conquistas humanas”

A classificação dos vídeos, as referências bibliográficas que seguem no final da monografia, estão disponíveis na Biblioteca da Diretoria de Ensino Leste de Campinas.

C) As diretrizes pedagógicas e a didática apontada na experiência: contradições e limites.

Ambas as redes de ensino possuem em seu material o Parâmetro Curricular Nacional o volume 10, como referencial, porém na municipal da escola tem sua proposta pedagógica o tema incluído no seu contexto escolar diante da pertinência do assunto lançada pelos alunos, diante da necessidade, o professor trabalha em sua série. A didática se dinamiza sob forma de debates e discussões.

Na rede estadual a escola tem a livre escolha de colocar em sua proposta pedagógica o assunto a ser transversalizado com outras disciplinas, bem como fazer um projeto específico para discutir o tema, portanto, não foi apontada na rede, escolas que trabalhassem em suas proposta pedagógica com alunos das 3^{as} ou 4^{as} séries da educação básica. As escolares requeam as propostas e projetos dos anos anteriores.

Parece que na rede municipal pós PCN's (1997) o projeto inovador que perdurara há 13 anos destacado por sua participação na aula-semanal, se perdeu com a formalização do tema. Tratar do tema com o suporte do Ministério da Educação inibiu a proposta pedagógica que não soube valorizar a implementação do Parâmetro Curricular Nacional com componente agregante e fundante do trabalho no interior da escola. Por outro lado a rede estadual acoplou em sua biblioteca uma infinidade de temas a serem destacados sobre a sexualidade e apesar disso permanecem intactos, embelezando as prateleiras de madeira da oficina pedagógica da Diretoria de Ensino.

Capítulo III – A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS PÓS LDB/PCN'S: BALANÇO CRÍTICO E POSSIBILIDADES.

Nesse capítulo pretendemos interpretar as contradições e potencialidades de um projeto de educação sexual e propor, a partir dessa análise, a superação de uma abordagem transversal, superada por uma concepção integral, orgânica, de plenitude, conjunto e totalidade, denominada abordagem emancipatória da sexualidade e educação sexual.

A) Os projetos – balanço crítico e posicionamento.

O município de Campinas, no campo educacional organiza a educação entre as redes municipais, estaduais e privadas. O estudo se privou de investigar os programas e ou projetos oferecidos pela rede municipal e estadual de ensino, contemplando a educação básica inicial que envolvesse o tema sexualidade.

A pesquisa de levantamento foi crescendo junto com as informações colhidas compilada da literatura. Cabe afirmar que este município foi o pioneiro em trazer para o interior da escola o tema sexualidade, destaco assim a rede municipal que permitiu que a orientação sexual arraigasse toda a rede.

A força e apoio dos profissionais envolvidos, para a Secretaria da Educação naquela época, abriram as portas da frente da escola para que pudessem discutir a temática da sexualidade com os alunos, professores, comunidade escolar, a família, manteve trocas, relações sociais que enriqueceram discussão de suas próprias vivências, da sua própria sexualidade.

O projeto que teve seu início em 1984 e virou programa, arraigou por vários anos e contaminou centenas de professores, que aceitaram o desafio de trabalhar com um tema tão difícil, que por sinal trata de assunto que requer atenção, além de ser pessoal e íntimo, que realmente permeia nosso cotidiano.

O poder político, as ações políticas, no caso da Prefeitura Municipal de Campinas, no campo da educação, as ações pedagógicas foram comprometidas com a nova gestão pública, desvinculou da proposta pedagógica as formações plenas do

aluno, que anteriormente concebia espaço dentro do currículo escolar para tal discussão. A conquista da abordagem da sexualidade na escola perdeu a vez e a voz pelo poder público.

Como ainda em nosso país não se tem políticas educacionais que preservem a educação em seu desenvolvimento sob as trocas de governo, o comprometimento do desenvolvimento do trabalho educacional passa a ser evidente. Podendo afirmar, o desequilíbrio na qualidade da educação.

O estudo que fiz a cada descoberta me encantava, buscava conhecimento a todo instante, inclusive o contato com os autores do projeto, pessoas envolvidas que puderam explanar o projeto em si referem com exclusividade na rede municipal.

Enfim, cheguei ao final da pesquisa colhendo depoimentos frustradores, que puderam cristalizar a leitura de um trabalho que perpassou uma década e atingiu um público imensurável na Rede Municipal de Campinas, e indicaram o fracasso da Orientação Sexual nas escolas deste município.

Na rede estadual o programa “Prevenção Também se Ensina” não atingiu a parcela do público que estava investigando. Portanto, cabe salientar que a falta de formação continuada, no que se diz respeito à abordagem do Tema Transversal “Orientação Sexual” é o relato mais potente dos professores, que justificam assim a não transversalidade com as demais disciplinas, pertencentes ao currículo escolar.

Apesar das políticas públicas interferirem positivamente ou negativamente no projeto político pedagógico das escolas, compete à gestão escolar em sua administração perceber essa nossa realidade social, intervindo com democracia em suas ações, e, alerta para as necessidades emergenciais.

E nós, educadores, podemos contribuir com uma pedagogia revolucionária que para melhor ser entendida,

Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca converter-se, articulando-se com as forças emergentes da sociedade, em instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária. Para isso, a pedagogia revolucionária longe de secundarizar o conhecimentos descuidando da sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular. (SAVIANI, 2003, p. 65)

B) Os agentes – balanços.

Os agentes são os multiplicadores, coordenadores e responsáveis pelo Projeto de Orientação sexual na Rede Municipal de Campinas, e os registros que publicaram são recortados e imprimidos abaixo.

O interesse é notório por parte dos professores em receber formação continuada sobre a temática da sexualidade, segue alguns pelos relatos escritos na produção “Sexualidade na Diversidade”, de 2005, elaborado pela Prefeitura de Campinas, tal formação contribui para construção e produção de conhecimento no campo da sexualidade.

Outro parecer é o engessamento do professores da rede municipal em não poderem perpetuar um trabalho tão audacioso, desenvolvido com tanta garra e luta.

Quando se troca a administração, o programa de formação continuada passa a ser reelaborado pela nova Secretaria da Educação, que contempla novos cursos, no entanto a temática abordada não esta na pauta até o momento.

Segue uma seqüência de falas dos agentes da rede de Programas de Projetos de Orientação Sexual de Campinas, para Maria Geralda Bernardis, ex-coordenadora do projeto comentou que, quando o encontro entre as pessoas acontece, seja pela diferença de pensamentos, de idéias, de religião, de cultura ou de conhecimentos, o vínculo que se estabelece pode gerar o inicio de um desencontro. Se não houver respeito no ouvir, no dialogar e no compreender em uma relação pedagógica, um conflito se estabelece. Isto leva as pessoas a buscarem adeptos pela igualdade de idéias, formando grupos unidos, cuja função pode ser a de não colaborar com uma prática pedagógica voltada para o redimensionamento do olhar. Com esta postura, desconsideramos a diversidade de pensamentos, de ideologia e de valores estamos promovendo uma cultura contra a paz e contra a harmonia.

“...a escola pode oferecer um espaço um espaço acolhedor, participativo, ético diversificado, socializador, rico pela composição e pela diversidade de oportunidades”. (id. p. 28)

A multiplicadora Yone L Freitas Machado diz que,

“O trabalho de Orientação Sexual na rede Municipal da Educação, desde o berçário às séries iniciais do Ensino Fundamental, não atua de modo isolado, mas sim como tema transversal, permeando o contexto amplo da aprendizagem. De forma lúdica, as crianças vão lidando com as questões da sexualidade e da cidadania prazerosamente através dos contos, das cantigas,, das danças circulares, das dramatizações (exercitando-se em diferentes papéis), da brincadeira de “casinha”, desenhos e de outras vivências. Abordar as questões

da sexualidade nas séries iniciais exige, portanto um exercício de interdisciplinaridade e de transversalidade.” (2005, p. 33)

Para o multiplicador Luiz Fernando Paes, que escreveu um texto titulado “A visão do educador sobre a gravidez na adolescência”, conforme um trecho que segue,

“A vida da/do adolescente é cercada por escolhas, decisões e tomadas de posições, que marcarão seu futuro definidamente. Quando acontece a gravidez na vida da adolescente, decisões mudarão sua vida, e qualquer que seja sua escolha, esta lhe trará conseqüências sérias: assumir o filho sozinha, casar com o adolescente ou o aborto. Devido às implicações desta situação para a família, para a turma na escola, para o corpo e estrutura psicológica da adolescente, esse assunto diz respeito s nós educadores, preocupados com a formação dos adolescentes”. (id, 2005, p. 38)

Outra contribuição dos agentes como Edna Scola Klein que atrela a necessidade de parcerias entre escola e o serviço da saúde.

“Como professora sei que educar tornou-se, na complexidade do mundo do outro, tarefa para todos e acredito que saúde tornou-se necessidade básica, não só a saúde do corpo físico, mas principalmente a saúde do organismo, perpassada pela complexidade do “psico” das crianças e adolescentes que muito cedo enfrentam as novidades do mundo atual, as quais nem sonhávamos quando fizemos nosso curso de formação profissional”. (id. 2005, p. 45).

A professora Kátia Regina C.M. Garcia, contribui com uma fala de como lançar o tema na sala de aula,

“Quase um pontapé inicial, o tema “Corpo” é o primeiro a ser trabalhado, pois nele exploramos aspectos afetivos, sexuais, biológicos e políticos, fazendo com que os alunos (crianças e adolescentes) percamos a inibição que pode se manifestar no decorrer das atividades. Eles passam então, a questionar, levantar e trocar idéias de seus conhecimentos anteriores, desmistificando tabus, preconceitos e mitos, formados durante o seu tempo de vivência na sociedade e família”.(id. 2005, p. 55).

Já a Maria Antonieta Limoli Rodrigues de Albuquerque, escreveu sobre a importância do programa de orientação sexual como educadora,

Foi através das orientações que recebi no Programa de Orientação Sexual que pude comprovar que minhas insatisfações tinham sentido e podiam mudar a vida de meus alunos/as. Desse modo abracei e incorporei, em todos os meus momentos de partilha com meus colegas e alunos/as, o compromisso de realizar um trabalho de formação de pessoas que pudesse lidar melhor com a sexualidade de maneira que os tornassem mais cidadãos no mundo atual e futuramente pudessem passar para seus filhos conceitos e exemplos vivenciais em relação aos temas referentes à sua vida sexual, aos seus sentimentos, corpo, relacionamentos, etc. (id. p. 65)

Educar: uma postura afetiva é o que relata o educador Afonso Henrique Pazani,

“Educar com uma postura afetiva é se colocar como exemplo, vivenciando os passos que se esperam, sejam dados por outros, por todos, talvez de diferentes formas, mas rumo aos mesmos objetivos, principalmente de uma melhor qualidade de vida”.(id.2005 ,p. 83)

Um projeto precisa de acompanhamento, assim a professora multiplicadora Etelvina Carvalho A. M. Rogge, complementa,

“O acompanhamento, uma das etapas da formação continuada em serviço, é um trabalho desafiador, que contribui muito para o crescimento pessoal e profissional de todas as pessoas envolvidas principalmente para quem o coordena.” (id, 2005, p. 87)

E para a professora de seu grupo de formação, “O acompanhamento é muito importante. A partir dele é que se faz o alicerce para o trabalho da escola. Este acompanhamento é como um porto seguro. Os momentos têm sido ótimos nos dando o gás necessário para a semana de trabalho. Foi muito importante e a troca é fundamental importância para o professor”. Aivoni, professora. (id. 2005, p. 88)

Para finalizar um depoimento atual, da ex-coordenadora do programa, multiplicadora de formação dos participantes de Orientação Sexual, que hoje atua na educação básica, precisou que não há mais Orientação Sexual, os professores sequer foram avisados na descontinuidade do programa, a atual política pública não considera mais importante a continuidade do trabalho, como ela focou, as crianças e jovens estão desapossadas daqueles momentos tão prazerosos, gratificantes, reformuladores de preconceitos e tabus, enquanto os professores, de conhecimento pessoal e profissional, pois, trabalham com os outros e com si próprio. Ela acrescentou que os encontros permitiam a entrega total dos relacionamentos. As relações eram intensas e percebia que as professoras saiam daquele espaço e iam vivenciar com seus alunos a mesma plenitude com que tinha acontecido ali no grupo de formação. E, lamenta que as crianças e jovens estão perdendo possibilidades de se conhecerem de forma integral.

Retiro uma fala de um de seus textos,

“A Orientação Sexual fala do corpo, da mente e das relações que permeiam estes corpos e estas mentes, como vive tranquilo, não sendo mais uma peça de um grande bloco humano que caminha infeliz e sem consciência”. (id, 2005, p. 64)

Resta-nos aguardar e, assim esperar as políticas educacionais para próxima gestão pública.

C) Aos alunos – reações (pais)

Cada aluno tem suas indagações sobre a sua sexualidade, em cada faixa etária é evidente o interesse em saber mais sobre si, sobre os outros, sobre a natureza humana, a condição humana e sua dimensão.

Da sua maneira a criança explora o mundo, a sua vivência nele, sua percepção sobre ele, sua afetividade, vive as relações sociais e quando compartilha e discutem seus anseios tudo parece ser tão real, passa a ser mais brando, passa a viver em plenitude com o mundo e com as coisas.

Relatos dos alunos direcionam para tal discussão, a escola para eles é o espaço mais adequado, inclusive um aluno de uma escola estadual, cujo tempo de permanência é integral, clamou por Orientação Sexual. Disse que queria saber tudo, e como pedir para a diretora deixar a professora responder o que ele pergunta. Segundo ele, as perguntas sobre sexo, sexualidade, beijo, que faz para a professora e ela se recusa a responder, sugere que espere mais um pouco, que quando chegar na 5ª série a professora de Ciências matará sua sede por respostas.

Curiosidades sempre presentes no discurso infantil, é claro, estamos falando de seres humanos prontos para saberem mais e mais, aliás, indignados por não poderem saciar suas dúvidas.

As crianças e jovens acompanham a temática da sexualidade difundida pelos meios de comunicação, através da música, revistas, filmes, novelas que intervêm no comportamento sexual dos mesmos, eles querem seguir o modismo, onde ali são colocados “modelos” (ideal de homem, ideal de mulher) quais são valorizados pela massa e servem como produtos de consumo. Que preocupa, pois, tudo aquilo que vêem, ouve, levam para a escola, transportando ali a reprodução daquilo que conseguem imitar. Assim a mídia aplica a teoria do consumo, da industrialização do sexo. Como se refere Vasconcelos sobre essa indústria,

“...em nenhuma época houve uma indústria do sexo tão grande como em nossos dias. Sobre o pretexto de informar e educar sexualmente as pessoas, essa indústria provoca falsas necessidades, oferecendo paralelamente meios e produtos para satisfazê-las. O resultado é um consumo sexual sem precedentes”.(VASCONCELOS, 1997, p. 70)

E além do consumismo, gera comportamentos inconseqüentes, que precocemente iniciam suas atividades sexuais sem sequer refletiram nas conseqüências.

Para Nunes venceu o modelo consumista,

“...O sistema controlador permite a manifestação compensadora e quantitativa da sexualidade, mas não a humanização e o sentimento de afeto, que são de aspectos qualitativos. É um prazer mecanizado, exercícios de dessublimação da repressão baseados no princípio do desempenho e do consumo. Cria-se o “trepador compulsivo” que acumula experiências impessoais e compensatórias da não-participação efetiva no domínio de nossa própria existência”.(NUNES, 1987, p. 98).

Os alunos querem, mas os pais, a grande maioria, ainda afirmam que não se deve confundir “escola e sexo”. O senso comum abarca a camada da população menos favorecida e distancia a discussão da escola, tira da escola o papel de contribuição de possibilidade para viver integralmente. No bate-papo com os pais nos portões das escolas, pude acompanhar que seus desejos e expectativas para seus filhos são de vê-los formados e conseguir um bom trabalho.

“A vida ensina como lidar com sua sexualidade”, fala de um pai, considerando assim, e, que não será enunciado pelos pais que o assunto sobre a temática da sexualidade retornará a tona. Mesmo com a dificuldade em discutir esse assunto com seus filhos, não consideram que podem dividir esse papel com a escola.

No ponto de vista dos educadores, definem como necessário, mas não demonstram ímpeto em organizar-se, em sugerir, ou até mesmo, em incorporar no seu plano de aula autonomamente.

D) O material didático.

A rede municipal construía o material junto com os encontros semanais, faziam oficinas, tratavam de temas e artigos, tinham uma formação teórica. Baseavam-se no que os alunos queriam saber. E assim criavam, recriavam produziam seus materiais para trabalhar em sala de aula. Publicavam as reflexões produzidas pelos alunos, ...se deliciavam com os resultados.

Desta maneira, tinham liberdade para trabalharem com a temática na sala de aula em toda dimensão escolar, desde a educação infantil à educação fundamental (oito anos).

Com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em particular sobre a temática a ser desenvolvida como proposta, no volume 10, modificou o programa de ensino na Orientação Sexual da rede municipal de Campinas, com o

tema transversal a estrutura da proposta pedagógica se perdeu, não conseguiram articular o tema com as demais disciplinas, para eles, a Orientação Sexual era exclusiva, tinha o direito do aluno em poder discutir toda semana, em sua sala de aula aquele assunto de interesse até se esgotar. E, ao receberem uma formulação de conteúdo, possibilidades de intervenções dirigidas, o fracasso se aponta, dão-se início ao declínio do trabalho construído até então.

Na Rede Estadual de Campinas, por parte da Diretoria de Ensino, não foi implantado o Programa “Prevenção Também se Ensina” para as 3^{as} e 4^a séries, uma vez que não houve indicação de escolas, por parte Diretoria de Ensino, que apontassem para a Educação Sexual nas mesmas, como já descrito nesta monografia. Mas considero possível desenvolver tal temática descrita aqui também para as 3^{as} e 4^{as} séries, a princípio o Programa atende o público inicial a partir das 5^{as} séries.

Sugiro às escolas, que incorpore a Educação Sexual em seu projeto político pedagógico, pois o material pedagógico-didático disponível na Diretoria de Ensino Leste sobre a temática da sexualidade permite balizar todo o processo educativo, além do amplo material, pode-se contar com o apoio do ATP’s (assistentes pedagógicos). O objetivo mais desejo explicitar aqui é uma Educação Sexual para além do tema transversal, sob a perspectiva da concepção emancipatória, em que a construção do conhecimento no campo da sexualidade, permita ao sujeito reflexões, ações, a dimensão da condição humana, que nos acompanha desde o nascimento à morte, na formação de homens e mulheres omnilaterais e que possam viver toda sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

CONCLUSÕES FINAIS

Considero a monografia uma possibilidade de discutir a Educação Sexual e ou Orientação Sexual no interior da escola, principalmente quando nos perguntamos que alunos queremos e podemos formar, uma vez que toda abordagem histórico cultural e social sobre a sexualidade da criança permite a cristalização na abordagem do tema e provoca desejos em resgatar esse trabalho que a rede municipal desenvolveu. Bem como atentar profissionais da rede estadual às novas possibilidades no ensino da educação básica. Propiciando ao aluno um desenvolvimento pleno, voltado para ética, estética, para crítica, para sua inserção no mundo e para o mundo.

Apesar de o Parâmetro Curricular Nacional ter contemplado o tema Transversal Orientação Sexual no volume 10, sua abordagem do tema, a sexualidade remete a uma educação para saúde do corpo, propriamente para a prevenção do sexo, pode ser um facilitador, servir como um disparador de discussão, mas o que precisa deixar claro para os que forem trabalhar com esse material, não é segui-lo passo-a-passo, pois assim seria um mero transmissor de conteúdo, é preciso problematizar os assuntos, provocar reflexões que permitam que o aluno tenha suporte, elementos que possam favorecer uma vivência de sua sexualidade de maneira mais saudável e com amor. Senão estaremos promovendo uma pedagogia da prevenção, tratando da sexualidade com o intuito de prevenir o sexo, se privar do prazer. Pois, para muitos tratar de assuntos atuais como, por exemplo, os que se referem à epidemia da AIDS significam tratar da sexualidade com seus alunos, desse modo, exemplifica-se a pedagogia dita acima.

O que se pode lançar como base são os dados estatísticos da epidemia e, em seguida discussões, breves históricos das DST's, tratamento dos infectados, convivência com os portadores, os estigmas, preconceito, a discriminação, a crítica a função do poder público em colocar este assunto na escola por meio dos PCN's, agregando a doença/prevenção/educação.

As relações sociais vividas intensamente permitem trocas de afetividade, geram atos recíprocos que irradiam nos corações das pessoas, harmonizam os laços, extravasam idéias, unem corpos e invadem a mente.

E foi assim, com esse sentimento singular manifestado que produzi este trabalho.

Para salientar esta fala, contribuo com a citação de Assis, Orly de Mantovani,

“Tanto o interesse como a vontade são reguladores da energia que impulsiona a conduta (afetividade). Desde que o sujeito se interessa por um trabalho, encontra forças necessárias para realizá-lo. Ao contrário, o desinteresse faz com que essa energia cesse.” (ASSIS, 2003, p. 181)

Para finalizar, a questão da educação sexual na escola passa por um novo momento: a definição de sua identidade política. Um projeto que tenha como pressuposto a formação de sujeitos, homens e mulheres *omnilaterais*, sob uma concepção emancipadora, exige que se proponha coletivamente a construção dessa dimensão da condição humana fundamental, que nos acompanha desde o nascimento, a uma condição plena, formando a pessoa por inteiro para uma vivência gratificante e responsável de sua capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado. A criança e suas indagações freqüentes sobre as coisas, sobre a condição humana, sobre ela mesma e, a curiosidade e formação afetiva para compreender suas vivências da sexualidade como decorrentes das relações sociais, principalmente no interior da escola.

Educação, sexualidade e criança são as palavras-chave e percorrem toda monografia.

BIBLIOGRAFIA

- AIRÉS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs). *Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3^a ed São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ASSIS, Orly Mantovani. *PROEPRE: Fundamentos teóricos da educação infantil III*
Orly Zucatto Mantovani de Assis, Mucio Camargo de Assis (organizadores). – 4 ed. – Campinas, SP: FE; IDB, 2003.
- BRASIL, Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual* / Secretaria da Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- CASTRO e SILVA, Ricardo. *Orientação Sexual vivida por educadores e alunos: possibilidades de mudanças*. Tese Mestrado – Universidade Estadual de Campinas- Campinas- 1995.
- CORTELLA, Mario Sérgio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos* / Mario Sergio Cortella . 8^oed. São Paulo : Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004. (Coleção perspectiva; 5)
- FAOUR, Rodrigo. *História Sexual da MPB: evolução do amor e do sexo na canção brasileira*/ Rodrigo Faour.- Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FREUD, S. *Uma teoria sexual*. In: __. Obras Completas, Madrid: Nueva Editorial, 1967^a. v.1.771-817.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes. 1977
- NUNES, Aparecido César. *Desvendando a sexualidade*/ César Aparecido Nunes- Campinas, SP: Papyrus,1987.
- NUNES, Aparecido César. *Aprendendo Filosofia*/ César Aparecido Nunes- 2^a ed. - Campinas, SP: Papyrus,1987.(Coleção Educar Aprendendo – Série Educando)

NUNES, César. *Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade/* César Nunes, Edna Silva. – Campinas, SP: Autores Associados, 2000. – (Coleção Polêmicas de nosso Tempo; 72)

NUNES, César Aparecido. *Filosofia, Sexualidade e Educação: As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. Tese de Doutorado em Educação Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Cláudia. *A fala das crianças sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto* – Lavras (MG): UFLA; Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1991.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (Org.) R484s – *Sexualidade e educação sexual: apontamentos para reflexão/* Paulo Rennes Marçal Ribeiro – Araraquara : FCL / Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSSEAU, Jean-Jaques. *Emilio ou da Educação*. São Paulo, Diefel, 1968

SANTOS, Marluce Alves dos. *“Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?”*-. Monografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte –Centro de Ensino Superior do Seridó – Caicó – 2001

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica /* Demerval Saviani. - 15 ed. – Campinas, SP : Autores Associados, 2004. – (Coleção educação Contemporânea)

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*/ Dermeval Saviani – 36. ed. Revista – Campinas, SP: Autores Associados, 2003 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol.5).

SAYÃO, Rosely . *Sexo* – Rosely Sayão – São Paulo,SP : Ed. Escuta,1998.

SILVA, Edna Aparecida da. *Filosofia, Educação e Educação sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de FREUD, REICH e FOUCAULT para a abordagem educacional da Sexualidade Humana*. . Tese Doutorado – Universidade Estadual de Campinas- Campinas- 2001

SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes : amor, homossexualidade – masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS* / Marta Suplicy. _ São Paulo ; FTD, 1988.

VASCONCELOS, Naumi de. *Os dogmatismos Sexuais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra S/A, 1971.

WEREBE, Maria José Garcia - *Sexualidade, Política, Educação* / Maria José Garcia Werebe. – Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

GUERPELLI, Maria Helena Brandão. *A educação preventiva em sexualidade na adolescência*. Série Idéias n. 29, São Paulo: FDE, 1996. p.61-72.

SAYÃO, Rosely. *A educação sexual nossa de cada dia*. Série Idéias n. 28, São Paulo. FDE, 1997. p.269-281.

Internet

Fonte: Hoje em Dia – 07/05/2005 <http://www.smp.org.br/atualizacao/view.php?id=1203>
pesquisa14/10/2007

Vídeos educativos

BOLEIROS: era uma vez o futebol. São Paulo (Cidade): Secretaria de Educação e Cultura. Ugo Giorgetti. Brasil: SP Filmes, 1998. 80min.

DIÁRIO de um adolescente. Scott Kalvert. Estados Unidos: Island Pictures, Polygram, 1995. 101min.

E AGORA, Aurora? Programa Estadual DST/AIDS, São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde.

EDUCAÇÃO Sexual nas Escolas – Vamos desvendar este mistério – MEC-Teleconferência 2002.

É OU não é? Régis Bianco. Brasil: Três laranjas comunicação, s.d. 25min.

FILOSOFIA para crianças- educação para o pensar – ATTA –Mídia e Educação, 1999.

FRESH. Boaz Yakin. Estados Unidos, Lumiere, 1994. 115min.

MANCHA de batom. Reginaldo Bianco. Brasil: Três Laranjas Comunicação, 1994-1995. 28min.

ORIENTAÇÃO Sexual – Tema Transversal - MEC- 1998.

PREVENÇÃO também se ensina: um documentário. Fernando Carvalho, SE/FDE. São Paulo: Um Films, 1998. 27min.

PRIORIDADE Criança – Prevenir é sempre melhor - Temas transversais e a ÉTICA - 1999.

SOCIEDADES dos poetas mortos. Peter Weir. Estados Unidos: Steven Haft production, Witt-thomas productions, 1989. 129min.

VULNERABILIDADE vulneradolescente. José Ricardo Ayres. São Paulo: FMSP/USP.1998.

Livros didático-científicos

AQUINO, Júlio. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. Júlio Aquino (org.). São Paulo: Summus, 1997. 143p.

ANGELO, Ivan. *Pode me beijar se quiser*. Ivan Angelo. Editora Ática, 1997.

ARATANGY, Lidia Rosemberg. *Sexualidade - a difícil arte do encontro*. Lidia Rosemberg Aratangy. São Paulo: Ática, 1998. 159p.

ARATANGY, Lidia Rosemberg. *Desafios da convivência - pais e filhos*. Lidia Rosemberg Aratangy. São Paulo: Editora Gente, 1998. 174p.

BARBOSA, Regina Maria. *Mulher e AIDS - sexo e prazer sem medo*. Regina Maria Barbosa . São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde. Programa estadual DST/AIDS,1998.

CRESCENDO de bem com a vida. Ministério da Saúde,1998.

COSTA, Moacir. *Amor e sexualidade - a resolução dos preconceitos*. Moacir Costa (Coord.). São Paulo: Gente, 1994. 225p.

DROGAS, AIDS e sociedade. Ministério da Saúde: Secretaria de Assistência à Saúde; Coordenação Nacional de DST/AIDS (org.). Brasília: Ministério da Saúde, 1995. 151p.

DUARTE, Albertina. *Gravidez na adolescência: ai, como sofri por te amar!* Albertina Duarte. Editora Artes e Contos, 1997.

FALA garota! Fala garoto! Secretaria do Estado da Educação de São Paulo. São Paulo: SEE, s.d. 47p. 1996.

GHERPELLI, Maria Helena Brandão Vilela. *Viver positivamente - manual de atenção à educação sexual de crianças e adolescentes portadores do HIV*. Maria Helena Brandão Vilela Gherpelli (Coord.). São Paulo: Instituto Kaplan, 1998. 66p.

MANUAL do multiplicador adolescente. Brasil: Ministério da Saúde: Secretaria de Projetos Especiais de Saúde: Coordenação Nacional de DST e AIDS, São Paulo: FDE, 1998. 160p.

MERCADANTE, Clarinda. *Evolução e sexualidade: o que nos fez humanos*. Clarinda Mercadante. Editora Moderna, 2004.

POLIZZI, Valéria Paizza. *Depois daquela viagem - diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com Aids*. Valéria Piazza Polizzi. Editora Ática, 2000.

PUNTEL, Luiz. *Um soco no estômago*. Luiz Puntel. Palavra Mágica, 1996.

SAYÃO, Rosely. *Sexo é sexo*. Rosely Sayão. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 188p.

SILVEIRA, René José Trentin. *Matthew Lipman e a filosofia para crianças: três polêmicas*/ René José Trentin Silveira. – Campinas, SP: Autores associados, 2003.– (Coleção polêmicas do nosso tempo, 83)

TIBA, Içami. *Adolescência: o despertar do sexo*. Içami Tiba. São Paulo: Gente, 1994. 130p.

VILELA, Antônio Carlos. *Coisas que todas as meninas devem saber*. Antônio Carlos Vilela. Editora Melhoramentos, 1998.

VILELA, Antônio Carlos. *Coisas que todo garoto deve saber*. Antonio Carlos Vilela. Editora Melhoramentos., 2000.

VILELA, Antônio Carlos. *Mais coisas que todas as meninas devem saber*. Antônio Carlos Vilela. Editora Melhoramentos, 1998.

ANEXO

Título: inspirado no trecho da música “Oito Anos” (Adriana Calcanhoto)

ROSA, Maurício Fachini, 2007.

